

YIN ILHADA

PRÓLOGO

*"Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.*

*Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.*

*Qual porém é a verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
é a que tem que pensar."*

Fernando Pessoa, 18-9-1933

Todos sabemos que não é fácil decidir a nossa vida. Pelo menos, não tão fácil quanto nos querem fazer crer as pessoas que já tomaram decisões antes de nós, e que sabem – por experiência própria – o que é que lhes correu bem e o que correu mal... e o que poderiam ter feito ‘de forma diferente’.

É porque a vida de cada um é uma história única...e irrepetível. Será? Sim, sem dúvida. Mas, no entanto, não podemos esquecer que a nossa vida não é só ‘nossa’: penso que há momentos em que a nossa vida é preenchida e condicionada com a de outros, quando – numa determinada ‘encruzilhada’, sem placas nem sinais de pista, em que nos cruzamos com alguém ou tomamos uma decisão – optamos por ir por um caminho em vez de outro. Se a vida fosse um jogo, optaríamos pela solução C) em vez da solução A). Mas, e o que aconteceria se optássemos pela solução F)? E quem influenciariamos nós com isso?

Pois, neste caso, temos de esperar para ver. Porque quando dizemos ‘sim’ a um caminho, estamos a ‘fechar’ um sem número de outras opções, e nunca saberemos exatamente como seria a tal ‘outra opção’ da nossa vida, porque nunca a iremos viver. Mas que isso não assuste: não há caminhos bons nem caminhos maus, as coisas são o que são e têm apenas o valor que nós lhes damos; e o interesse verdadeiro está na descoberta, ver onde este mundo de Deus nos vai levar, umas vezes ao colo, outras ao arrasto... mas sempre – sempre! – com algo que depende apenas de nós:

...a decisão de ser feliz.

Miguel

Capítulo I

8h da manhã.

“Bolas, logo agora que acabou a Queima, e só me apetecia voltar a dormir... fogo, não é justo...mas... tem de ser!...”

Levantou-se atirando os lençóis para trás. *“Vá: a melhor forma de começar o dia é...começando!”* Com os pés nus, foi à cozinha beber água. A mãe, que já estava a preparar-se para ir levar o irmão mais novo à escola, sorriu de lado, fingindo não reparar nas olheiras e no aspecto ‘amassado’ que o Miguel apresentava nessa manhã.

–“Lindas horas para chegar, ontem. Dormiste alguma coisa?”

–“Mom, não comeces com perguntas difíceis logo de manhã... olha, tenho tempo para tomar banho antes de saíres? ...para me dares uma boleia?”

–“ Acho que não, Mitch, já estou em cima da hora para levar o André ao Colégio...se tivesses acordado mais cedo...ou se não tivesses vindo tão tarde...ou se...”

–“...tá bem, tá bem, eu percebi...devia ter-me portado bem e ter chegado à meia-noite, eu sei... um Cinderelo, é o que queres que eu seja...não há pachorra...”

Miguel sorriu ao dizer isto. Sabia que, quando a mãe o tratava por Mitch, era porque não estava minimamente zangada com ele. Deu-lhe um beijo na cara.

– “ Vou tomar banho. Se calhar não venho almoçar: tenho de ver aquela cena do Erasmus à hora do almoço, lá na Faculdade, e depois tenho de ir lá ao McDonald’s – o Jorge tá-se a passar, está outra vez a fazer-se difícil com os novos turnos que me quer dar. Não entende que, lá porque ele não estuda, não quer dizer que os outros não tenham exames e vida própria.”

– “ Ó filho, não comeces com coisas. Já não foi fácil arranjares esse ‘part-time’, e sabes que o dinheiro te vai fazer falta. Vai com calma e sê razoável.”

–“ Ok, ok...mas é que ele irrita-me!... Vá, até logo”.

Já estava debaixo do chuveiro quando ouviu a porta da rua bater. Deixou-se estar debaixo de água mais um pouco. *“Durmo mais logo. Agora, há muita coisa pra fazer”.*

Enquanto se arranjava, sentia a energia voltar. A simples ideia de poder ir para os Estados Unidos por 6 meses, pelo *Erasmus Mundus Action 2*, ou mesmo para um país europeu (Republica Checa?) pelo *Erasmus* normal, dava-lhe toda a adrenalina que precisava. Não é que ele não gostasse da vida que levava, apenas queria...experimentar mais.

Apanhou o autocarro para a Universidade. Sabia que tinha hipóteses de ter bolsa como estudante de Erasmus, precisava apenas de entregar os últimos papéis de candidatura e certificar-se que o professor da Comissão não iria mudar de ideias, à última hora. Desde que o Jorge, o responsável de loja, não o tramasse com o horário no ‘drive-in’, ele iria conseguir fazer os trabalhos que lhe faltavam para passar àquela cadeira do curso e ainda fazer as horas para ganhar o dinheiro, que tanto jeito lhe daria lá nos ‘States’ ou na ‘Checa’.

Encaixado no banco e encostado à janela, pensou nas várias opções que tinha à sua frente:

«...sair do País por 6 meses em ‘Erasmus’ – significava deixar a mãe e o irmãozito, de quem só se tinha separado (e nunca por mais do que uns 15 dias) ao fazer férias com os amigos; ficar longe desses amigos, que mantinha à sua volta, e que já faziam naturalmente parte da sua vida...

...e a carta de Condução? Há dois anos que estava à espera da oportunidade para a tirar. O dinheiro que já tinha dava bem para a carta e ainda para uma entrada num carro, em 2ª (ou mesmo em 5ª) mão – andava de olho nuns, naquele stand da Praça – e então... ‘bye bye dependência’: já podia sair e andar por aí com quem quisesse, sem ter de estar à espera da boleia deste ou das horas daquele, poder ir de férias com quem quisesse, quando quisesse...

Mas... se fosse para ‘Erasmus’, iria ter de empatar todo o seu dinheiro – a vida lá não era barata, e nem sabia ainda quanto lhe poderiam vir a dar de bolsa... no entanto, era espectacular ter aquela oportunidade de arranjar ‘curriculum’ e, quem sabe, um emprego a sério, cá ...ou mesmo lá...porque não? ...o facto de ter vivido com os pais em Filadélfia, quando era garoto, fazia com que não se assustasse com a língua ou os hábitos dos americanos, e até, pensando bem, nem se importava de ficar a trabalhar em qualquer país estrangeiro por uns tempos, no final do curso... outra vida!...

...no entanto, uma coisa era estar lá em casa e em família, outra era estar completamente por sua conta...E se lhe faltasse o dinheiro?...e se ficasse doente?...e as saudades...?

...E a Rita!? Ela não via com bons olhos 6 meses de separação...sim, a ele também lhe custava, namoravam há quase dois anos, um doce de pessoa ...muito embora, às vezes, se sentisse um pouco... ‘sufocado’... Ok, gostava dela mas...não era ainda cedo para pensar em compromissos mais sérios? Ambos com 20 anos, e ela já o ‘tinha como certo’ e, sim – ele também... mas... mas e se houvesse outro ‘alguém,’ ainda à sua espera, ainda por descobrir?? Porque não? ...a única namorada ‘a sério’ tinha sido a Rita, mesmo ...ok, mas e...e se não houvesse, e ele estivesse a ‘deitar fora’ a pessoa da sua vida? Será que ela esperaria por ele?...»

Nesta altura, sentiu um desconforto grande na barriga. Não é fácil encarar o futuro, ter 1500 hipóteses de escolha, e não ter a noção imediata das consequências do que escolhe.

A mãe deixava-o à-vontade (a vida era ‘a dele’) mas não era isso que o deixava tranquilo. Sem se aperceber, os grandes passos da sua vida tinham sido sempre decididos pelos pais...ou pela ideia que ele tinha do que os pais esperariam dele...

Nem percebia bem aquela ‘angústia’, que lhe causava o desconforto na barriga: afinal, estava a fazer opções que iriam ter um efeito positivo na sua vida. Mas então, porquê o mal-estar?

À medida que o autocarro ia parando e andando, ele ia constatando as muitas ruas e avenidas que partiam da via que o autocarro seguia.

«...e se o autocarro seguisse por aquela rua, em vez desta? Poderíamos evitar uma fila de carros por causa de um acidente...mas aí, aquela loira bonita que vai ali à frente nunca entraria neste autocarro...e bem gira! ... se ela fosse uma ‘bombista suicida’?...mau... cara de bombista tem o tipo ao lado...e então era bom se ele não tivesse entrado...mas se isso acontecesse, já não chegaria à Faculdade...não falaria com o professor...não iria mesmo de Erasmus...não se punha a questão de deixar a Rita... deixava de ter dilemas...»

Neste ponto, Miguel apercebeu-se de que o seu problema não era propriamente as ‘opções’, mas sim a responsabilidade de ‘ter de escolher’. Associado ao medo de uma má escolha. Ao receio do que teria de ‘deixar para trás’ ao tomar uma opção que o levasse adiante. E de perder algo importante, ao optar por outro algo...

«Mas isto vai acontecer sempre, qualquer que seja a opção que tome,» pensou Miguel, respirando fundo sem dar conta, «acho que o truque, mesmo, é olhar para as opções e seguir um pouco o meu instinto. Seja o que for que venha depois, será sempre 'o desconhecido'. Tanto poderá correr bem como mal. Mas aí, como diziam sempre lá nos escuteiros, é aceitar partir para a aventura, em vez de deixar que a aventura parta sem mim!...»

Sentindo-se a acordar pela segunda vez, nesse dia, Miguel tocou no botão do 'Stop' – a paragem dele era logo a seguir.

Saiu do autocarro, e deu conta de que a angústia que sentia na barriga tinha sido substituída por uma sensação de expectativa, de quando tudo está para acontecer, do abrir de uma prenda, do início daquela cena do filme onde se pressente que tudo vai dar uma reviravolta.

«Um filme!... a minha vida dava um filme...dava?...»

Sorriu e recomeçou a andar. Iria correr bem... Iria viver a vida que lhe aparecesse, desde que fosse 'algo mais', e não apenas a vida que já vivia... agora.

Capítulo II

O dia estava a correr bem.

Tinham conseguido entregar o trabalho – concluído na véspera – no prazo certo, e agora estavam numa de relaxe, esticando as pernas ao sol da esplanada, onde estavam os quatro sozinhos.

«Pá, o sol! É tão fixe!!» disse o Hugo, de olhos fechados apesar dos óculos escuros.

«Fixe, fixe, é uma ‘mini’ geladinha debaixo deste sol» comentou o Bruno, a rir.

«Pra mim, tá demasiado calor», disse o Miguel, «eu ia dar um mergulho agora, se tivesse uma praia aqui à beirinha, o mar mesmo ao pé de mim...mas não me tá a apetecer mexer. Fogo, porque é que as praias nunca estão perto, quando precisamos delas?»

Espreguiçou-se novamente. Era bom aproveitar a companhia dos amigos, assim, sem planos definidos, deixar-se levar, sem stresses, saborear o momento.

É isso – estava a viver o ‘aqui’ e o ‘agora’...e estava a saber-lhe muito bem. O grupo era de quatro: ele, a Sandra, o Hugo e o Bruno. Conheciam-se desde o Liceu e, para além de colegas, eram os amigos com quem normalmente andava. “Trabalho e Farra, não só nessa ordem”, era o lema deles.

Gostava de todos, mas dava-se com cada um de forma diferente – é normal, uma questão de compatibilidade de personalidades e de confiança. Bruno era o tipo com quem comentava os seus pensamentos mais pessoais, um tipo sereno e pouco falador; Sandra era ‘a balança’, a pessoa a quem todos eles queriam agradar, que os punha no lugar sempre que necessário e não admitia parvoíces...para além do razoável; Hugo era o bonacheirão, simpático por natureza. Era difícil não gostar dele, mesmo quando se armava em parvo com as miúdas que orbitavam à volta dele, ou quando chegava meia-hora atrasado a todos os compromissos que marcava com o grupo. De todos, era o que vivia financeiramente mais desafogado – filho único, com uma mesada substancial dada pelos pais, era quem dispunha do carro que os levava para todo o lado, sem lhes pedir um tostão pela gasolina.

«Mas até podíamos ir para a praia...porque não? Em 20 minutos estávamos lá!» disse ele. «Só não me apetece é estar a conduzir com este calor...»

«Pá, eu levo o carro!» disse o Miguel, «’bora lá!...»

«Tás a brincar, né?!? Quando tirares a carta, fala comigo...» respondeu o Hugo.

«Mas tu já mo deixaste mudar de lugar, no estacionamento do Mc’s, qual é o problema?...Não fiz asneira. Vá lá...»

«Hmm não, não me parece. Uma coisa é num estacionamento, com carros parados, outra coisa é estrada, praia, outros carros, confusão... ná...não me parece.»

«Não sejas 'corte', Huguinho,» disse Sandra, «tu é que começaste com isso. Se não confiavas, não lho tinhas emprestado nunca...e está tão bom pra ir p'rá praia...»

«Não me parece!», disse Hugo, tirando os óculos escuros. «Não! A responsabilidade é minha, sou o único daqui com carta. A irmos, levo eu o carro.»

«Ao menos deixa-mo tirar do estacionamento, trazê-lo até aqui. Vá lá, aqui não há trânsito, e isso já me deixaste fazer antes...» insistiu Miguel.

Fazendo-se difícil, pondo os óculos e olhando para um ponto qualquer ao longe, Hugo espreguiçou-se devagar e deixou cair as chaves na mesa. «Só mais esta vez, sem exemplo...e é porque sou um tipo fantástico!...»

Miguel não esperou para ouvir mais nada. Pegou na chave e desceu da esplanada, com uma pequena corrida até ao BMW do pai do Hugo, nas traseiras do café. Dava-lhe gosto este tipo de coisas, ele que não tinha carro e nem sequer ainda a carta, adorava poder conduzir, embora evidentemente não tivesse muita oportunidade para o fazer.

O som que se ouviu a seguir foi seco. Hugo tirou os óculos num repente: «Já bateu!» e pulou os degraus rapidamente, dirigindo-se para o estacionamento. Os outros seguiram-no.

Miguel já tinha saído do carro, e com uma mão na cabeça olhava para o sítio onde a traseira do BMW tinha batido no Seat estacionado atrás, um carro cinza que já não era novo.

«Pá, Hugo, desculpa, pá!! Foi a marcha atrás, não medi bem a força do acelerador, nem reparei que...»

«Tens o farolim traseiro partido. Isto vai custar uma 'nota'!» interrompeu Bruno, acocorado ao pé dos pedaços partidos pelo chão. «Vai ter de ser novo, pá!»

«E o outro? Estragou muito?» perguntou a Sandra.

«Não me parece,» respondeu Bruno, avaliando, «quer dizer: amassou um bocado o pára-choques e estragou tinta, mas é para isso que ele serve, o pára-choques...e o carro também já não é novo.»

«Pá! Fogo, Hugo, desculpa, a sério! Eu pago-te isso, vou ter com o teu pai e digo-lhe que a culpa é minha!» disse o Miguel, pousando a mão no ombro do Hugo que, embora de boca aberta, ainda não tinha dito nada.

«Tás parvo, não tás, Miguel?» reagiu Hugo, como se de repente acordasse, «Então é que nunca mais tínhamos carro na vida! ...eu digo-lhe...sei lá, que me bateram no estacionamento, que não sei quem foi, que encontrei o carro assim...ou que eu bati... não stresses... Pá, mas é chato...vamos é sair daqui, já não tenho grande vontade de ir para a praia...».

«Espera,» disse Miguel «e o outro? Isso ainda amassou! Vou lá dentro saber de quem é o carro...»

«Ó anjinho!» ironizou a Sandra, «deixa-te de cenas e vamos, mas é! Tens muito dinheiro, é? De qualquer modo, esse carro já é velho, sabes lá se ele já não tinha isso amassado. E já vais ter de

pagar um farolim ao Hugo, não te ponhas com coisas para pagar também o desse tipo! Nem lhe fizeste nada. E ele se calhar nem repara! Vá, vamos, já vai ser complicado devolver o carro assim e responder às perguntas do pai do Hugo!».

Miguel ficou parado por um momento. Depois, foi novamente à esplanada, pegou na mochila, atirou-a para o ombro e voltou para junto deles. Mas antes tirou um caderno, e pôs-se a escrever.

«Que tás a fazer?» perguntou Sandra.

«A deixar o meu contacto ao dono do outro carro.»

«...tá parvinho, o miúdo...», resmungou ela, revirando os olhos num trejeito.

«Detestava ter um carro e chegar ao pé dele e ver isto, assim. Pá, deixo isto...e o dono que faça o que quiser!», respondeu Miguel em voz baixa, encolhendo-se enquanto punha a folha arrancada na escova do pára-brisas, a pensar no quanto aquele gesto lhe poderia vir a custar.

Enquanto o Hugo manobrava o carro para a frente da esplanada, os outros foram recolher as suas coisas. Estavam para entrar no carro, quando tocou o telemóvel do Miguel.

«Sr.Miguel? Tou a falar com o senhor que me bateu no carro? Deixou-me este bilhete.»

«Sim,» respondeu Miguel, o coração de repente na boca – não esperava este contacto assim tão rápido, «sim, fui eu. Desculpe, mas eu...»

«Importa-se de voltar aqui? Estou mesmo ao pé do carro.»

A voz do homem era baixa, mas não agressiva. Miguel sentiu uma leve dor-de-barriga. Vá, tinha de enfrentar a fera... de frente. O homem era alto, meio calvo, meia idade. Não parecia furioso. Estava com o papel na mão. «Pois é, isto ainda amassou um bocado. Foi com aquele carro que bateu?»

«Foi, sim,» gaguejou Miguel, «eu peço imensa desculpa, foi mesmo um imprevisto, um...»

«Acho que vou ter arranjo p'raí para uns 100 euros...digo eu...o pára-choques estalado, desmonte, pintura... isto é um novo, mas é. E isto se não for para o seguro...mas pronto. Então, que me diz? Como quer resolver isto?», disse o homem.

«Eu pago...claro que eu pago, a culpa foi minha...eu peço desculpa, eu...»

«...se calhar não vale a pena ir pró seguro.», continuou o homem, «sempre poderia ficar mais barato. Fazemos assim: eu até estou com pressa, tenho de ir embora já, tenho de fazer quilómetros ainda, e não sou de cá. Se quiser, deixa-me um contacto, se tiver a carta deixa-ma como garantia, e depois...ou se tiver algum dinheiro...»

«Eu pago já! Prefiro...»

«Nós pagamos,» disse Bruno, interrompendo o amigo, «devemos ter aqui algum dinheiro entre todos...é que 'a carta' não, faz-lhe jeito, sabe...» continuou, olhando de lado os outros.

Juntaram-se os quatro, e entre si contaram o dinheiro que tinham ali.

Miguel dirigiu-se ao homem, com o dinheiro na mão. *«Tome, tenho aqui €64 euros, se servir como adiantamento, eu dou-lhe o meu contacto...aliás, já o tem...eu...»*

«Hmmm...», disse o homem, pensativo, «é chato ficarem sem dinheiro nenhum... mas estou mesmo com pressa. Ok, fazemos assim: eu fico com esse dinheiro como depósito – garantia, se quisermos dizer assim – e entretanto falo na oficina, vê-se o preço certo e logo se vê como pagar o resto. Que acha?», perguntou o homem.

«Por mim, tudo bem, se confiar...aliás, já tem o meu número, eu podia ter batido e fugido, e...»

«Sim, eu confio. Você podia realmente ter ido embora. Apreciei o gesto – já poucos jovens hoje teriam feito o mesmo. Já é difícil ver gente com princípios...Olhe, dê-me só €50 euros, fiquem com o resto para uma Coca-cola, é mau andarem sem dinheiro no bolso. Depois acertamos contas!», disse o homem, sorrindo.

Miguel respirou de alívio, e quando voltavam para o carro, agarrou-se aos amigos. *«Vocês são uns fixes! Os melhores amigos do mundo! Pá, eu pago-vos, a sério, vocês são...»*

«Oh, cala-te, anjinho,» interrompeu-o Sandra, dando-lhe um beijo, *«tu com esse coração de escuteirinho fazes-me sentir sem jeito. Eu teria vindo embora, mesmo...mas ok, reconheço que és muito mais honesto que eu! A sério – tiras-me do sério! Ai, ai...espera-me o Inferno, já sei...»*

Já iam na avenida quando Sandra exclamou de repente: *«Hugo, pára! Temos de voltar para trás. Viemos embora sem pagar. Depois disto tudo, até parecia mal! Com a confusão...»*

Olharam uns para os outros, e desataram a rir. *«Ok, dia do ‘politicamente correcto’! Lá se vão os €14 euros...»*

Com calma, voltaram para trás, e entraram novamente no estacionamento.

Ao pé do Seat cinza estavam duas senhoras de meia-idade, uma com mão na cara e um ar desolado a olhar para o pára-choques, e a outra muito vermelha a dar-lhe palmadinhas no ombro e a dizer irritada: *«...parece impossível! E fazem isto e vão-se embora! Uns vadios, são o que são... Esta juventude de hoje, não respeitam ninguém. Gatinha sem princípios. E depois a gente que pague...Coitadinha...ó filha, vamos chamar um reboque, vá, eu levo-te a casa...»*

Capítulo III

“Crescer a cores

Numa história muito bonita que me contaram, vivia um homem que sempre que sonhava, via os seus sonhos concretizarem-se todos os dias. Como imaginas, ansiava sempre por novos sonhos e, mesmo que não quisesse, sentia os seus sonhos como uma janela com que crescia – a cores!

Até que um dia, sonhou que morria.

E, sentindo-se traído pelo sonho, recusou acordar, evitando ir para além do seu sonho (que será talvez o maior desafio que um homem pode ter).

Para não ter de enfrentar o SONHO, refugiou-se no SONO e... morreu a dormir.

Será talvez esse o maior risco que se corre cerca dos 20 anos: adormecer quando se cresce, imaginando que o melhor da vida são os sonhos quando, na verdade, o que dá COR e CONSISTÊNCIA ao crescimento é ir – sempre – para além deles!”

Eduardo de Sá In “Coisas da Vida”

O sol ainda estava forte, e Miguel mantinha os olhos semicerrados. Sentado no paredão da praia, encostado à sua mochila, olhava – sem ver – o mar quase sem ondas à sua frente.

Não conseguia perceber: estava tudo combinado, iam sair ainda de manhã, ele até ia ajudar a Rita a arrumar a mochila dela, já tinham os bilhetes de comboio, as férias estavam aí.

A mãe da namorada não gostava que ele entrasse assim pelo quarto da filha, mas quando ela lhe disse simplesmente que a Rita já não iria de férias com ele, não conseguiu ficar à porta. Chamando por ela, entrou no quarto e deu com ela em pé e de braços cruzados, ao pé da janela, cama feita, quarto impecável, nem vestígios de preparativos de qualquer viagem.

Ela não tinha tido coragem, não conseguira desfazer-lhe este sonho, não devia ter deixado isto avançar tanto. Não dava. Sem futuro. «*Uma relação sem futuro!*», dissera ela.

Sacudiu uns grãos de areia dos calções, sem dar conta. Suspirou fundo. «*E agora, como vai ser?*» Sentia-se ‘amortecido’, sem reacção, sem chorar, sem rir, sem fio de pensamento. Ali estava ele, sozinho, com mochila pronta para partir, bilhetes na mão, dinheiro no bolso. Viera ter ao paredão da praia sem saber bem como, estava ali sentado há um bom par de horas, a olhar – sem ver – o mar.

Endireitou as costas, pôs-se de pé. Tinha de reagir, não podia ficar ali assim, até à noite.

Olhou em volta, com a mochila ainda no chão, pensando no que poderia fazer:

- A) Ir dar um mergulho no mar, para ‘arrefecer as ideias’;
- B) Ir para a esplanada atrás dele, comer qualquer coisas e ‘malhar’ 1 cerveja;
- C) Ir meter conversa com as brasileiras que riam alto, sentadas na areia;
- D) Ir para a estação de comboios, duas ruas atrás, tentar trocar o bilhete e seguir viagem;
- E) Ir para casa e dar a notícia à mãe;
- F) Ir ter com o Bruno, a Sandra e o Hugo, que estavam a fazer o ultimo exame na faculdade;

A) Ir dar um mergulho no mar, para 'arrefecer as ideias'; (FISICO)

Decidiu ir dar um mergulho. Tinha a pele muito quente, de ter estado aquele tempo todo ao sol, e iria fazer-lhe bem nadar, para desanuviar o espírito. Era o melhor remédio desde adolescente – fazer piscinas quando estava neura ou preocupado. Aliviava sempre. Depois decidiria melhor o que fazer.

Foi até à zona de areia que estava com algas secas e conchas espalhadas e, por isso, com menos gente. Escolhendo um sítio seco, poisou a mochila e sentou-se para tirar as botas. Ouviu, sem prestar muita atenção, os gritos de um garoto, a brincar ali perto. Os gritos tornaram-se choro e Miguel olhou, quando ouviu a voz chorosa a dizer: *“O meu cão! O meu cão!”*

Viu que o garoto, de uns 6 anos, estava à beira da água, numa agitação impotente, com a cara muito vermelha e lavado em lágrimas. Seguindo a direcção do seu rosto, olhou para o mar e viu uma bola de cores, na zona de rebentação. Não viu cão nenhum, até que, passada uma onda, viu uns olhos brilhantes numa cabeça branca que ora aparecia, ora desaparecia na espuma.

Meteu-se à água ainda com uma bota calçada, e foi avançando com água pela cintura, até ao sítio onde lhe parecera ver o cão. O animal estava ali, a dois passos de distância, com um olhar aterrorizado enquanto as ondas lhe passavam pela cabeça. Miguel apercebeu-se que alguma coisa estava mal – e compreendeu: o cão tinha uma coleira e trela, e esta devia ter-se prendido a qualquer coisa no fundo, que o impedia de nadar. Um pouco desequilibrado pela rebentação, enfiou a cabeça debaixo de água, e viu a correia metálica presa entre duas saliências da rocha do fundo. Como não a conseguia soltar, segurou o animal debaixo de um braço e com a mão livre soltou-lhe a coleira. Arranhado pelas unhas curtas do cãozito, que se remexia debaixo do braço, voltou para o garoto que, nessa altura, chorava em silêncio mas com os olhos e a boca muito abertos.

«Segura-o, foi só um susto», disse Miguel, entregando o cãozito ao garoto, que o apertou ao peito e desatou a correr em direcção aos chapéus-de-sol.

Miguel sentou-se, já não sabia se havia de descalçar a bota cheia de água ou calçar a outra e ir embora, tinha tomado um banho forçado, a visão da cara do garoto, duas ou três arranhadelas ardiam-lhe nas costelas, com o sal da água, os calções que não despira molhados e com areia. Ainda estava a refazer-se do banho gelado e do efeito do susto, quando olhou para cima e viu o garoto com um senhor – que devia ser o pai e que devia ter acordado há pouco. *«Olhe, foi o senhor que me foi buscar o cão? Obrigado, muito obrigado, mas...será que não dava para lá ir buscar também a trela? É que ele não pode andar aqui sem ela... E, já agora, a bolita de borracha?»*

Miguel soltou uma gargalhada, esperava tudo menos isso, riu, riu até chorar.

«Práticos! É isso: temos de ser práticos! E as coisas têm o valor que a gente lhes dá...mesmo!», pensou, enquanto metia a mochila ao ombro e caminhava de volta para o paredão.

B) Ir para a esplanada atrás dele, comer qualquer coisa e 'malhar' 1 cerveja; (SOCIAL)

Decidiu ir para a esplanada atrás de si, virada para o mar. Tinha a pele muito quente, de ter estado aquele tempo todo ao sol, e iria fazer-lhe bem comer qualquer coisa e 'malhar' uma cerveja, ou duas, para desanuviar o espírito. Depois decidiria melhor o que fazer.

Sentou-se numa mesa à sombra, e pediu uma tosta mista e uma cerveja. Não tinha fome, apesar de não comer nada desde o pequeno-almoço. A cerveja, no entanto, bebeu metade de uma só vez – estava com calor e pensou vagamente que isso o iria ajudar a encarar melhor a situação. Depois de uma pausa, recomeçou a beber mais lentamente, a reparar na vida à sua volta.

A praia não estava muito cheia, para a época: uns quantos chapéus-de-sol, as vozes de umas brasileiras que se ouviam por cima do barulho do mar, um cãozito a ladrar, garotos na brincadeira... *«Como é possível que o mundo todo não pare, quando, para alguns de nós, a vida toda deixou de fazer sentido?...»*

Mas não, o mundo não parou. As pessoas continuavam na sua vidinha, inconscientes de que, para ele, não havia nenhuma solução, nenhum caminho...aquele que ele tinha escolhido, tinha dado errado...e agora? A sensação de perda era grande, não conseguia pensar no que fazer a seguir. Bebeu mais um gole. Fechou os olhos. Quando os abriu novamente, olhou distraído para o chão, qualquer coisa que brilhava ao sol. Um papel, metalizado. *«Só lixo, estas pessoas são umas porcas!...»* Lutou contra o hábito quase inconsciente de apanhar lixo alheio do chão – não estava pra isso. Queria lá saber.

Mas o olhar tornou-se a fixar naquele sítio. Era um – não, dois – os papéis que brilhavam ao sol. *«Olha, uma raspadinha...»*, constatou. Mais um que não tinha tido sorte. Como ele. Apostara e não ganhara.

Cheio de pena de si próprio, baixou-se e apanhou os papelitos. *«Olha...ainda nem sequer foram raspados...pfff...parvos...»*. Com a carga da cerveja começou a raspar, por graça. Nada. Porque é que ele não se admirava? Pegou no outro papel, recomeçou a raspar, nas calmas. *«Era giro, era...sorte no jogo, azar nos...»*. Parou tudo. Ficou a olhar para o papel, sem reacção. Com a unha, raspou mais uns bocaditos da tinta prateada que a carga não tinha arrancado.

«Eu não acredito», pensou. *«EU NÃO ACREDITO!»*, disse em voz alta. Um casal, sentado no outro extremo da esplanada, olhou para ele, curioso. *«Ó pá! Isto não tá a acontecer! Eu nem nas rifas acerto!»*, riu, incrédulo.

Quando a empregada voltou, chamou-a: *«Olhe, por acaso deu conta se a pessoa, que esteve aqui sentada antes, perdeu alguma coisa?»* *«Antes? Acho que não... não sei,»* respondeu a moça, *«hoje não teve muita gente na esplanada, da parte da tarde só esteve o senhor e aquele casal, que chegou depois.»*

Miguel tornou a olhar para o que tinha na mão. Se estivesse certo, aquilo valia...quê? €500 euros?!? Um pensamento veio de imediato: *«É agora que vou MESMO tirar a carta de condução!»*

C) Ir meter conversa com as brasileiras que riam alto, sentadas na areia; (ESPIRITUAL)

Decidiu ir meter conversa com as brasileiras que riam alto, sentadas na areia. Uma delas dedilhava uma viola e as vozes, entre música e risos, até eram afinadinhas. Tinha a pele muito quente, de ter estado aquele tempo todo ao sol, e apetecia-lhe desanuviar o espírito. Depois decidiria melhor o que fazer – agora, ia até ali conversar um pouco.

Descalçou as botas, e saltou para a areia quente, enterrando os pés enquanto caminhava em direcção a elas. «Boa tarde», cumprimentou, «importam-se que me sente um pouco aqui, à sombra? Estava ali em cima a ouvir a música, e estava a gostar...»

«Claro, senta aí nesse toalhão, moço», disse a da viola, com um sorriso cativante, enquanto se sentava e ajeitava as pernas «acho que dá prós dois, né?». As outras riam bem-dispostas: «Vai, senta aí, moço!» e «Claro que há lugar para mais um», «... 'cê' também canta?» diziam todas ao mesmo tempo.

«Cantar, eu? Não, não tenho jeito nenhum...mas gosto muito de ouvir, sobretudo cantar em brasileiro, é logo outro charme...», respondia Miguel, sentando-se e pondo-se à vontade.

«Ué, moço, português é que é charmoso, tamos horas ouvindo vosso fado e musica em português, e tem cantor maravilhoso por aí...», diziam, trocando olhares entre si, «tudo neste País tem um charme bem especial, não é mesmo?». «Ôi? Como é mesmo seu nome?», perguntou a mais morena.

«Miguel, sou o Miguel», respondeu sorrindo, enquanto elas se apresentavam. «Posso fazer uma pergunta? Não têm muito calor assim vestidas, aqui na areia? Dá a sensação que esses hábitos são muito quentes, não?».

«Ai moço, é tudo questão de hábito, né?» e desataram todas a rir do trocadilho. «No Brasil é muito mais quente, e essa roupa até é fresca, e esse véu protege do sol...tamos adaptadas, faz muitos anos», disse a mais velha, com um sorriso simpático. «Eu vim de Moçambique, de Lichinga,» disse a mais morena, «e lá a gente também se veste assim, lá na Missão, só que é de cor branca». «A cor vai mudando um pouco, de país para país. E quando a gente não precisa mais, deixa a roupa a outra irmã da Missão. É muito prático», disse a Irmã Maria Celeste, dedilhando a viola ao de leve.

E a conversa foi correndo, de forma agradável, Miguel admirado pela forma sorridente com que elas falavam das suas Missões, contando de forma serena as alegrias e as limitações com que tinham de lidar, elas encantadas por um jovem que até ia à missa e conhecia músicas de Igreja mais modernas que as delas.

«Foi bom conhecer você, Miguel», despediram-se, arrumando as toalhas, o sol a pôr-se, «é gratificante ver jovens assim, com Fé e esperança no futuro. 'Cê' vai ter sorte na vida, Deus cuida dos Seus.»

Miguel ficou na areia a vê-las ir embora. Foi molhar os pés. Fé e esperança no futuro? Respirou fundo. Sem notar, sorriu, e uma lágrima escorreu cara abaixo, até cair na areia.

D) Ir para a estação de comboios, duas ruas atrás, tentar trocar o bilhete e seguir viagem; (CHARACTER)

Decidiu ir para a estação de comboio, tentar trocar os bilhetes. Não era tempo de desperdiçar €65 euros assim, sem proveito nenhum. Tinha a pele muito quente de ter estado aquele tempo todo ao sol, sentia-se desconfortável e iria fazer-lhe bem andar e tomar decisões fáceis, para desanuviar o espírito. Para já, ia trocar os bilhetes, depois decidiria melhor o que fazer.

Foi andando pela rua, com algum movimento àquela hora devido às lojas todas abertas. A meio do passeio lá estava o inevitável arrumador de carros, o ‘moedinhas’, como ele lhes chamava, magro e a abanar mecanicamente o braço direito, com o nítido mau aspecto de alguém que estaria a ressacar de alguma coisa (bebida, algo mais ‘duro’, uma noite dormida sem abrigo...).

À medida que se aproximava, o homem – que não era tão velho quanto parecera à 1ª vista – virou-se para ele. «*Ó amigo, não tem aí uma moedinha de euro?*». «*Ó ‘amigo’*» respondeu ironicamente o Miguel, «*eu nem carro tenho, acha que tenho moedinhas? Poupa-me*» resmungou, continuando o seu caminho para a porta da Estação, já ali.

Ficou na fila da bilheteira irritado com a fila que não andava, apesar de não ir para lado nenhum. Havia muito barulho à sua volta, algures um garoto pequenito cantava a plenos pulmões, repetindo sempre o mesmo refrão da música do ‘*Allegria*’, que ele reconhecia das imagens do *Cirque du Soleil* no *Youtube*; uns tropas contavam piadas e riam muito alto; um casal de emigrantes chamava aos berros o ‘*Jean-Pierre*’, que andaria algures no edifício da estação; e os altifalantes a anunciar este e aquele comboio não ajudavam à festa.

Assim que se viu com o dinheiro de volta, após 10 minutos a justificar-se ao homem da bilheteira – inventando motivos para não ter apanhado o comboio e ter o dinheiro de volta, saiu novamente para a rua, para dar de caras com alguma confusão: pessoas em grupos no passeio falavam e observavam qualquer coisa que se estaria a passar ali; um carro de polícia parado; luzes de uma ambulância.

«*O que se passa? Que foi que aconteceu?*» perguntou Miguel a quem estava mais próximo. «*O homem foi atropelado!*», «*Morreu??*», «*Falam em fractura exposta...*» disse um. «*Ele tentou foi livrar a criança do autocarro...*» disse outro. «*Ai meu Deus, eles andam à doida por aí, a acelerar, a acelerar, é o que dá, uns doidos, é o que dá!...*» comentou uma senhora cheia de sacos de compras.

Um garoto viria pela rua, a chorar, e fugiu da mão do pai. Não fosse o arrumador de carros ter-se lançado para a frente e empurrado a criança, esta teria morrido esmagada. Em vez disso, o homem foi projectado uns metros, desfazendo o pára-brisas de um carro estacionado. Estava a ser carregado naquele momento na ambulância. «*... o cão dele acabou de se afogar, ali na praia, o meu filhito vinha a chorar, fugiu-me da mão...*» dizia um homem a um polícia que tomava notas.

Miguel ficou sem jeito olhar para a ambulância, que arrancava com barulho de sirenes. Não tinha dado dinheiro ao homem...na verdade, nem ‘dava nada’ por ele. Que mania a sua, julgar as pessoas pelo seu aspecto...

E) Ir para casa e dar a notícia à mãe; (AFECTIVO)

Decidiu ir para casa e dar a notícia à mãe. Bem precisava de um abraço, e de ser confortado. Iria fazer-lhe bem caminhar um pouco, para desanuviar o espírito, e ir para um lugar familiar e querido. Fazendo vagas contas de cabeça, a pensar no dinheiro dos bilhetes de comboio que nunca iria recuperar, Miguel dirigiu-se a pé para casa, esperando sinceramente que a mãe lá estivesse para o receber. Sentia-se carente, a auto-estima 'a zero'.

À entrada do prédio, uma senhora de idade lutava com a porta e o monte de sacos que carregava e que lhe impedia a entrada. «*D. Augustinha, quer ajuda com isso? Espere um pouco, eu já a ajudo*», disse Miguel educadamente, segurando a porta com o pé e pegando nos sacos de compras que a senhora transportava. «*Ai, menino, mesmo a tempo, tava a ver que me dava uma coisinha má*», exclamou a senhora, sorrindo de alívio. «*Continuo a pensar que tenho 20 anos, é o que é...*» suspirou. «*Mas serão poucos mais, D. Augustinha*» sorriu Miguel, para a senhora com 70? 80 anos? – nem sabia, sempre a conhecera assim, vestida de preto, com o mesmo cabelo branco, as mesmas argolas de ouro nas orelhas, a tratá-lo por 'menino' desde os seus seis anos. «*Sempre que precisar eu estou aqui, D. Augustinha, já sabe. E a Martinha, não está em casa?*» perguntou Miguel, poisando os sacos à porta do 3C, em frente à sua. «*Ela é que a podia ajudar nas compras, agora que até está de férias...*».

«*...a Martinha? Ai a Martinha... ai, meu rico filho, se soubesse...*» suspirou a Senhora, pondo a mão no peito e começando a chorar de forma inesperada. Miguel, aflito, sem saber bem o que fazer, atravessou o *hall* e bateu à sua própria porta. «*Mãe! MÃE!!*» chamou, batendo com a mão sem resposta. Voltou para ao pé da velha senhora, pegou nas chaves dela que tinham caído no chão, abriu a porta e pegando-lhe no braço pelo cotovelo, conduziu-a até uma cadeira na cozinha, onde a sentou. «*Tome*», disse Miguel, estendendo um copo de água com açúcar, «*é um remédio que a Mãe usa sempre lá em casa, para o meu irmão. Está a sentir-se bem?*», perguntou inquieto, vendo-a soluçar com as mãos na cara.

Aos poucos, com a voz cortada, D. Augusta foi-lhe contando da neta, que há dois anos lhe dissera que entrara para Medicina e que ela, a custo, lhe pagava as propinas e os livros, tão caros, e aquela capa e batina para sair com os colegas, dando-lhe tudo o que não tinha conseguido dar à própria filha. «*Eu tinha acabado de ficar viúva, sabia lá eu o que a minha filha estava a precisar...*». Depois de a filha sair de casa, deixando-lhe a criança nos braços, Augusta tinha tomado conta da neta, abrindo os olhos para o facto de que precisava de batalhar não apenas por si, mas pela Marta, também. E agora, quando lhe fora levar as flores à festa da Queima das Fitas, procurara por ela e não a encontrara, ninguém a conhecia, afinal ninguém nunca tinha ouvido falar dela. «*...e liguei-lhe para o telemóvel, e ela gritou, que eu não tinha nada que ir à procura dela, e que eu não me podia meter na vida dela, e gritou, gritou...*». Há um mês que nada sabia dela. Andava com o coração nas mãos, à espera de um telefonema da Polícia, ou do Hospital, a dizer-lhe que a tinham encontrado, ou que se tinha suicidado, ou...

Miguel ouvia, sem falar nada. Sentia a fragilidade daquela pessoa, tão 'sem norte', tão 'sem ninguém'. Ele nunca se tinha apercebido de nada...ali tão perto, todos os dias.

«*...bem diz a Mãe, que 'as grandes dores são mudas!'*», pensou Miguel, abraçando D. Augusta devagarinho, até a Mãe o ir chamar, duas horas depois.

F) Ir ter com o Bruno, a Sandra e o Hugo, que estavam a fazer o ultimo exame na faculdade; (INTELLECTUAL)

Decidiu ir ter com o Bruno, a Sandra e o Hugo, que estavam a fazer o ultimo exame na faculdade. Aproveitava e iria rever na Secretaria a sua situação para ir em *Erasmus* – agora, mais que nunca, queria ocupar a mente com algo racional, que não fossem ‘assuntos de coração’. Não sabia como dizer-lhes, que entre ele e a Rita já não havia mais nada. Sentia, de certa forma, que os iria desiludir, que estava a destruir aquele ‘equilíbrio emocional de grupo’ que havia entre todos, pois nunca mais seria a mesma coisa – as saídas à noite às 5^{as} feiras, o grupo de estudo, as horas perdidas à conversa, os fins-de-semana de paródia e aventura. Por outro lado, sentia-se ‘perdido’, a precisar muito de um abraço e de compreensão – afinal, não tinha sido ele a tomar a decisão de acabar a relação. Será que os amigos iriam tomar ‘partido’, por um ou por outro? Mas eles eram todos amigos...não era justo. A vida não era justa.

Quando chegou à Faculdade já havia gente cá fora, dispersa em pequenos grupos. A Sandra e o Hugo acenaram-lhe, o Bruno ainda devia estar dentro da sala a acabar o exame. «*Então? Correu bem?*», perguntou Miguel. «*Man, livraste-te da boa,*» suspirou a Sandra, «*o ‘prof’ foi lá pôr tudo o que havia de mais complicado na matéria...o meu cérebro ‘derreteu’...*». «*A mim correu bem!*», gozou o Hugo, com o seu habitual sorriso, «*...não me basta ser alto e bonito, é que também sou inteligente!*» continuou, com a mão a dar palmadinhas na barriga de cerveja. «*Olha, e tu? Não devias estar já no comboio, de férias?*». «*Pois...*» começou Miguel, «*...é assim: a Rita...*». «*Olha!*» interrompeu Sandra, «*não é a tua mãe a apitar, ali no carro?*». Miguel olhou para trás: ao fundo da escadaria estava o Clio branco da mãe, e ela a agitar o braço, a fazer sinais. «*Ainda bem que te apanho aqui, Mitch, vinha com esperança de encontrar algum de vós.*». «*Mom, que se passa?*», disse Miguel, apreensivo com a palidez da mãe. «*É o André, ele foi para o Hospital, ligaram-me da Escola, ele teve um ataque qualquer, e...oh, meu Deus...ainda bem que vos encontrei...*». «*Calma, D.Teresa*» serenou Hugo, «*não há-de ser nada, vai ver. Vamos consigo... se quiser levo eu o carro...está em condições de conduzir?*». «*Não, Hugo, não estou, agradeço... ai tou tão nervosa, nem sei bem como cheguei aqui...*».

Com o Hugo a conduzir e Miguel ao seu lado, foram os quatro para o Hospital o mais rápido que lhes era possível. «*O Bruno vai estranhar não nos ver...eu mando-lhe um sms*», comentou Sandra consigo mesma. «*Mas...ias a dizer, Miguel...? Já não devias estar no comboio, de férias?*». «*Pois...*» recomeçou Miguel, «*...a Rita...*». E contou o que se tinha passado, pondo em palavras todos os sentimentos e sensações que estava a viver, sozinho, desde a manhã. «*... E agora tou assim. Não sei o que fazer. Não sei o que pensar...*». Sandra chegou-se à frente e abraçou o banco, abraçando-o a ele também, em silêncio. A mãe fez-lhe uma festa no rosto, também agora atenta ao problema deste seu filho. Hugo olhou de lado e sorriu, dando-lhe um murro suave no joelho. «*Gosto de ti na mesma, pá. Vá, vamos ver do teu irmão, e depois de resolvermos isso, vamos beber um copo...e temos de ir buscar o Bruno, né? ...Acho que nos vai fazer bem a todos ir ver o pôr-do-sol a qualquer lado*», continuou, com o seu habitual tom despreocupado. Mais tarde, no carro, com o André já recuperado mas ainda assustado (um ataque de asma é sempre aflitivo), Miguel permitiu-se a abraçar o irmãozito e deixou-o encaixar-se debaixo do seu braço. «*Nem sempre perdemos tudo... perder ‘este cromito’ seria bem pior*», pensou Miguel. «*...Sinto-me grato por ter estes amigos à minha volta*», reflectiu, sorrindo, «*...realmente, as coisas têm o valor que a gente lhes dá... e apenas esse valor.*».

Capítulo IV

“Viver é isto: ficar se equilibrando, o tempo todo, entre as Escolhas e as Consequências”.

Jean Paul Sartre

Um foguete estalou. Agora a ‘arruada’, com os bombos de ruído surdo e constante a fazer vibrar o ar e os gaiteiros com as gaitas de foles. E os gritos, canções, gargalhadas, abraços e ‘éFe-eRre-Ás’ à mistura. A animação à volta das camionetas enfeitadas era imensa – e ao colorido das flores de papel e das ‘bocas’ impressas em cartazes, juntavam-se algumas fitas e cartolas de diferentes cores, mais ou menos manchadas do espumante e da cerveja que, volta e meia, saltava de alguma garrafa desprevenida. Miguel sentia a electricidade no ar. Aquela talvez fosse a sua ultima Queima das Fitas, depois o Erasmus e... ok, não queria pensar nisso. Não hoje. Não agora.

Olhou para os seus colegas de curso, e para os seus amigos nesse grupo. Todos com um ar ‘demasiado sorridente’ – era quase impossível não se deixar afectar pelo muito álcool que aparecia por todo o lado. Mas não era só álcool: era, digamos, ‘a mistura’ – 40% de álcool; 15% de amizade pura; 20% de loucura não-contida; uns 30% de nervosismo ‘pré-exame’ reprimido e agora à-solta; 25% de desejos ansiados; 15% de inconsciência dos seus actos. O restante era 5% do mais puro ‘quero-lá-saber’. Tudo somado, lá dava os tais 150% que perfazem o “Super-Estudante-em-Plena-Queima-das-Fitas”.

Miguel sentiu-se agarrado pelos ombros. Um beijo sonoro no seu ouvido fê-lo estalar com dor. Hugo sorria da brincadeira. «*Acorda, pá! Não penses na morte da bezerra!*», disse ele, abraçando-o com força com um braço, uma cerveja na mão. «*Tás ‘às escuras’?!? Ó Rodolfo, manda aí uma fresquinha aqui pró doutor!*», gritou o Hugo para o carro com as suas cores. «*Ólhá foto! Sorriso pá foto!*» gritou Sandra, agarrando-se aos dois. De repente, já eram uns dez, amontoados e abraçados a rir, a fazer ‘pose’ para alguém que disparava uma máquina com ‘flash’. «*Tira outra! Tira outra...*». «*...Tá tudo doido...MAIS doido ainda, quer dizer!...*» comentou Bruno, impecável no seu colete e em mangas de camisa. O Bruno conseguia um feito incrível – aguentar no meio das bebedeiras dos outros sem perder a noção e o controle de si mesmo, sem entrar em excessos mas divertindo-se tanto ou mais que os seus colegas. «*Quando eu for grande, quero ser como ele*», pensou Miguel, admirando o amigo que se esquivava de uma chuva de espumante, e se ria da cara da caloire que apanhou com o ‘banho’ em cheio.

O Cortejo seguiu rua abaixo, com ‘pára-arranca’ e calor, muito calor. Aproveitando a zona mais desafogada do passeio, ao pé da paragem dos autocarros e do acesso ao jardim público, Miguel afastou-se um pouco e sentou-se num murete, a saborear o que se passava em seu redor. Deu-se conta dum estudante, abraçado ao poste metálico do cartaz de informação dos autocarros. Batia de forma sonora e ritmada com a testa no poste, de olhos fechados, como se estivesse no Muro das Lamentações. «*A cara dele não me é estranha...*», pensou Miguel, «*...tsss que figurinha!... ah, ok, ele estava a falar há pouco com a Sandra e o irmão, deve ser colega de curso dele. Man, tenho de ir até lá!*», decidiu Miguel, pondo-se de pé e dirigindo-se ao rapaz. «*Olha, tás bem? Precisas de ajuda?*». «*Não...*», respondeu o rapaz, dando mais uma

pancada com a testa, «*tou supé...fixe...*». «*Como é que te chamas, mesmo?*», continuou Miguel, cheio de vontade de rir. «*Sam...uel...*», respondeu o outro, de olhos fechados. «*Olha, Samuel, não queres vir até ali àquele muro? Sentas-te um bocadito...?*». O rapaz parou o movimento, olhou para Miguel, abraçou-se mais ainda ao poste e gritou: «*Nãooo!! Este poste é o eixo da minha vidaaaa!*», vomitando logo em seguida, de forma ruidosa. Algumas pessoas olhavam a cena com nojo e abanar de cabeça, outras riam, outras ainda comentavam «*Dá-lhe açúcar!*».

Miguel olhou para os seus sapatos – até ali mais ou menos limpos - com um arrepio de nojo, e afastou-se um pouco. «*Chama mas é o 112!*», «*Dá-lhe açúcar!*», continuavam os palpites dos ‘mirónes’. Miguel ia afastar-se, quando notou que o rapaz começara a dobrar as pernas e a escorregar ao longo do poste. Estava a desmaiar. Sem pensar, envolveu-o com os braços e agarrou-se ao poste, procurando mantê-lo de pé com o próprio corpo. O tipo era um ‘peso morto’. «*Precisam de ajuda?*», perguntam duas miúdas com cartola, mas sem se aproximar muito, «*Somos de enfermagem...é teu amigo?*» disseram, notando-se alguma preocupação. «*Não, eu nem o conheço, estava ali, e ele começou a vomitar...*». «*Olha, cá tás tu, Mitch! mas...quem é esse...?*», perguntou Sandra, surgindo de repente. «*Quem é esse?!?*» repete Miguel, «*...então...o colega do teu irmão! Estavam ali a falar e... olha, e uma ajudinha, não?*». «*Colega do meu irmão?*» disse a Sandra, a rir, «*não, não o conheço de lado nenhum, esse parvo meteu-se comigo e o meu irmão estava oferecer-lhe um par de lambadas, só isso. Vá, vamos, Miguel, deixa isso. Temos de ir ter com os outros e guardar lugar no restaurante. O Hugo já ligou. Daqui a pouco tá tudo ocupado.*» Outro grupo de estudantes passou e parou a perguntar: «*Pessoal, tá tudo em ordem?*»

Miguel sentia os braços doer, com o peso do outro. Rapidamente, começou a pensar:

- A) Que se lixe, vou deixá-lo entregue a estas duas de cartola e sigo com a Sandra;
- B) Que se lixe, vou chamar o 112 e eles que tratem a partir daqui;
- C) Que se lixe, este grupo que chegou tem tanta obrigação como eu - tomem conta;
- D) Que se lixe, o tipo apalpou a Sandra, merece uma lição ‘à séria’;
- E) Que se lixe, é o meu último ano de Queima, mereço estar com os amigos;
- F) Que se lixe, se fosse eu estaria por minha conta, também;

**A) Que se lixe, vou deixá-lo entregue a estas duas de cartola e sigo com a Sandra;
(AFECTIVO)**

Miguel pensou: «...que se lixe, estas duas de cartola são de Enfermagem, elas devem saber o que fazer com ele.» e disse em voz alta: «Sandra: espera só um bocadinho, tenho de deixar este meu 'irmão de capa' em mãos competentes!» e virando-se para as duas cartoladas, continuou: «As 'doutoras' terão a delicadeza de olhar por este meu 'amigo do peito', que me é perfeitamente desconhecido, até ele acordar prá vida? Acho que ele irá preferir ver duas caras bonitas a ver um gajo como eu... 'anjos'...'e demónio'...», brincou, apontando para si.

Uma das estudantes franziu o sobrolho, desconfiada, a outra respondeu, bem-disposta: «Ok, a gente alivia o 'doutor' desse encargo, o resto do nosso grupo deve estar a chegar, e temos lá homens fortes para carregar com esse aí...também, acho que já fez a sua parte...», comentou, olhando para os sapatos sujos de Miguel. E continuou, a rir: «...e não é todos os dias que nos chamam 'anjos de caras bonitas'...».

Miguel ajudou o estudante a sentar-se, na parte do passeio que se mantinha limpa. As duas sentaram-se, uma de cada lado do estudante bêbado, que entretanto se encostara e quase adormecera no ombro duma delas.

«Mas olha, pelo sim pelo não, deixo-vos o meu contacto de telemóvel, para o caso de ser preciso qualquer coisa com o...com esse moço.», disse Miguel, num impulso. A Sandra, ao lado, revirou os olhos e comentou baixinho: «Lá estás tu, outra vez...ai, meu deus, és mesmo anjinho...e eu vou pró inferno, já sei...» Miguel não lhe ligou, e virando-se para a mais simpática – a sorridente que lhe tinha dado resposta – disse: «Empresta-me aí o teu telemóvel, eu marco lá o meu número...só tens de ligar...caso seja necessário...». A moça sorriu mais uma vez e retirando o telemóvel do bolso, deu-lho na mão. «Vá, não escrevas agora o número do hospital dos maluquinhos, tá? ...nem o da tua avó, ok?» brincou ela. Miguel sorriu, teclou no telemóvel e devolveu-lho. «Se for preciso...tá bom? Obrigado.» Piscou o olho, e afastou-se de braço dado com a Sandra.

«Tu e essa tua mania de 'Madre Teresa'...», disse a Sandra logo que se afastaram pela rua fora, «...olha: o Hugo tá a ligar...'Tá? Hugo?...onde estão?...sim, ok...Vá, vamos Miguel, já lá estão à nossa espera!» e começaram a andar mais depressa e a furar entre a multidão, metendo-se no cortejo.

Quando estavam no final da refeição, Miguel sentiu o telemóvel vibrar no bolso do colete. Atendeu e, como não conseguia ouvir, levantou-se da mesa até à porta do restaurante. Voltou rapidamente à mesa, apanhou a batina e a capa, e disse ao Hugo: «Tenho de ir! Já! Paga-me o jantar, amanhã dou-te o dinheiro. Tchau!» e saiu porta fora.

No dia seguinte, Bruno ligou ao amigo. «'Tou, Miguel? ...pá, onde te meteste? Não apareceste hoje ao almoço, como combinámos...saíste de repente, não te vi sair, não atendeste telemóvel... fiquei preocupado. Tás bem?»

Após uma pausa, ouviu a voz do Miguel, calma e bem-disposta: «Se eu estou bem, Bruno? Amigo, por causa de um bêbado desconhecido, conheci a Diana... se calhar, conheci a mulher da minha vida... ehehe... sim, estou bem! Mesmo, mesmo bem».

B) Que se lixe, vou chamar o 112 e eles que tratem a partir daqui; (CARACTER)

Miguel pensou: «...que se lixe, vou chamar o 112, eles que tratem a partir daqui.» E disse para a Sandra: «*Espera só um bocadinho, vou ligar para o 112, para alguém vir buscar este tipo*». Com algum esforço, puxou o rapaz para sentá-lo no muro baixo. De tão bêbado, o estudante escorregou para o chão, de pernas abertas, e ficou encostado ao murete, quase desmaiado.

Miguel encolheu os ombros, pegou no telemóvel e marcou o número de emergência. Virou costas ao barulho da rua, enquanto tentava ser atendido, e não reparou logo no burburinho que se estava a gerar: algumas pessoas que observavam o cortejo, falavam alto e comentavam, olhando agora para o rapaz no chão e para o Miguel: «...*pouca vergonha, é isto a juventude de hoje!*», «...*olha pra ele: vai virar costas ao amigo, vai-se embora, ah ladrão...*», «...*mania que são doutores, 'tão a deitar fora o futuro! bêbados... é só BÊBADOS!...*», «...*é assim que se vê o que valem! Virar costas aos amigos...*» e um grupo de gente estava já de costas para o cortejo, e apontava para os dois enquanto comentavam em voz alta.

A Sandra encostou-se ao Miguel, enfiando o braço no braço dele, a dizer baixinho: «*Vá, Miguel, vamos. Não tou a gostar nada disto... vamos embora...*». Miguel entretanto, tentava perceber o atendedor de chamadas...ou era mesmo um operador? Não conseguia ouvir nada. Deu mais dois ou três passos para longe do barulho, virando as costas às pessoas, que começaram a falar mais alto: «...*mas ele tá a fugir? ai o sacana!*», «...*deve-o ter roubado, é sempre assim – aproveitam as bebedeiras e roubam-nos!*», «...*mas ele tá bem? deixar uma pessoa no vomitado, isto brada aos céus...*», «...*ai coitadinho do estudante, tá ali caído e o outro a fugir...*».

De repente, Miguel sente um safanão – alguém lhe pegou no braço e o obriga a dar meia volta. Miguel ficou de boca aberta e telemóvel na mão, a olhar para o PSP que o encarava com ar muito sério. «*Algum problema, amigo? Vai para algum lado? Esse telemóvel é seu?*», disse o polícia, olhando-o nos olhos. Miguel piscou os olhos, surpreendido, e quase gaguejou: «...*eu... ele... o telemóvel é meu... tava ... o 112... tava a tentar...*». «*Não diga mais nada!*», interrompeu o polícia, apertando-lhe o braço com força e levando-o de forma brusca para o outro lado da rua. Miguel olhou para trás: estava um polícia com um joelho no chão ao pé do bêbado, as pessoas em volta a esbracejar e a comentar em voz muito alta, a Sandra com ar perdido e as mãos no queixo, aflita.

«*Não se preocupe, já chamámos o 112. O agente Torres tá a tomar conta da situação*», disse o polícia, com uma voz baixa e surpreendentemente calma. Afrouxou o aperto no braço, e deu-lhe duas palmadinhas discretas no ombro. «*Eu estava a ver o que estava a fazer: a tentar ajudar. Eu vi tudo, e chamei o 112. Tirei-o dali antes que apanhasse um murro de alguém... numa multidão, todo o cuidado é pouco. Eu gostei do que vi – eu sei que você não ia fugir!*» Miguel respirou fundo, sentiu as pernas a tremer. «*Vá, vou buscar a sua amiga. Não saia daqui,*» piscou o olho, com humor, «*a vossa Queima não tem de acabar já.*».

Enquanto observava o polícia ‘resgatar’ a Sandra pelo braço, do meio da multidão, teve uma sensação de ‘gratidão’. Lembrou-se do que a mãe lhe repetia sempre: “*A maneira mais fácil e mais segura de vivermos honradamente, consiste em sermos, na realidade, o que parecemos ser.*”

C) Que se lixe, este grupo que chegou tem tanta obrigação como eu; (SOCIAL)

Miguel pensou: «...que se lixe, este grupo que chegou tem tanta obrigação como eu – eles que tomem conta.» E disse para a Sandra: «Espera só um bocadinho, já vamos».

Sempre a segurar o rapaz, apoiado no poste, Miguel chamou o grupo de estudantes que entretanto se tinha aproximado. «Oi, podem ajudar? Eu quase já nem posso com eles... estão a faltar-me as forças...», disse Miguel, meio a rir, mas bastante aflito. «Claro, pá, ganda ‘tosga’ que ele apanhou,» comentavam, a rir. «É pra ir pra casa? Ou directo ao Hospital?». «Pá, nem sei,» respondeu Miguel, «eu nem o conheço, não vi o que ele bebeu...apanhei-o aqui, vomitou-se todo e ia caindo ao chão se eu não o segurasse. Chama-se Samuel mas não o conheço, e tenho o jantar com os meus amigos...será que...?». «Vá, siga, vai-t’embora com a garina, ela aqui perde-se...», respondeu o que tinha uma pêra e parecia mais sóbrio, puxando o braço do Samuel por cima do ombro, ajudado por outro. «Pá, eu ajudava, mas tenho mesmo que ir ter com os meus amigos e...». «Ó amigo! Desaparece! Vá! Vai ter com os teus amigos!», respondeu, brusco, o da pêra. «A gente toma conta dos nossos.»

Miguel encolheu os ombros, e desceu a rua, atrás do cortejo, de mão dada com a Sandra para não se perderem. A Sandra ria, divertida: «Vês, menino, não és o único bom samaritano! É isto que eu adoro neste pessoal – todos tomam conta de todos, a gente sente-se segura».

O Bruno, o Hugo, a namorada do Hugo e mais uns três ou quatro amigos já estavam à espera à porta do tasco, para jantar antes da noite. «’táva a ver que não vinham... fomos bebendo umas entradas...» disse logo o Hugo, dando um beijo sonoro à Sandra. E virando-se para a namorada: «...escusas de ter ciúmes, ela é como um homem, para mim!». A rirem à gargalhada, encomendaram o jantar. Bruno, sentado ao lado de Miguel, gozou à farta. «A Sandra tem razão, tu e essa mania de bom samaritano...ok, deve ser por isso que as pessoas gostam de ti, e só te acontecem coisas boas!», brincou, dando-lhe uma palmada.

A noite prometia. Depois da entrada no recinto, a multidão espalhava-se em busca dos seus recantos, ou dos ‘shots’, ou da cerveja, ou dum bom lugar junto aos palcos. A música estava alta e sentia-se a vibração nos ossos. «Que noite brutal!» repetia a Sandra, de trinta em trinta segundos, com um enorme sorriso no rosto.

«Olha Miguel, ali – não é o teu amigo de há bocado...? o... como é que ele se chama?». «Samuel. Eh eh! Olha, é o tipo bêbado de que vos falei», disse Miguel puxando o braço do Bruno até ao grupo que se aproximava. «Então, como vai isso?», cumprimentou Miguel, dando uma palmada no ombro do tipo de pera, e dirigindo-se ao Samuel, «já tás melhor? Tás com melhor aspecto...» Miguel não acabou a frase – o murro que apanhou na cara deitou-o ao chão, desamparado. O Bruno e o Hugo reagiram, o grupo do de pêra também, rodeando o Samuel e impedindo uma cena de pancadaria. «O que é que te deu, man? Tás bêbado ou quê?», gritou o Hugo, quase na cara do outro. «Sim, o que é que te deu, pá?», disse Miguel, limpando com o dedo o lábio rebentado, «é assim que agradeces ter tomado conta de ti?». Samuel cambaleou mais um pouco, estranhamente lúcido. «Tomado conta? Despachaste-me, pá! Aos primeiros que encontraste! ELES tomaram conta de mim. Tive sorte. Sou diabético, não estava tão bêbado assim. Podia ter entrado em coma, se eles não me tivessem levado à farmácia ali ao lado. Obrigado, “amigo”... por teres ‘tomado conta de mim’».

D) Que se lixe, o tipo apalpou a Sandra, merece uma lição 'à séria'; (ESPIRITUAL)

Miguel pensou: «...que se lixe, este tipo apalpou a Sandra, acho que merece uma lição 'à séria'». E disse para a Sandra: «*Espera só um bocadinho, já vamos*».

Deu-lhe duas palmadinhas na cara, até o Samuel abrir os olhos, e disse com tom de brincadeira: «*Acho que já tiveste festa suficiente, a apalpar a minha amiga, pá. Se calhar, devíamos refrescar esses ânimos, né, amigo? Vá, vamos lá a refrescar...*». E acompanhado das risotas de quem via a cena, despejou uma cerveja pela cabeça do Samuel, dando um jeitinho para que escorresse um pouco por dentro da gola da camisa. O outro estremeceu, abriu muitos os olhos, e largando o poste pôs-se a andar aos encontrões, atrás do cortejo.

Miguel ria da brincadeira, a Sandra dava gargalhadas. «*Esta cena funciona! É tão bom combustível bebendo, como deixando-o correr costas abaixo...*», dizia, dando palmadas nas pernas, divertida. «*Ainda bem que estavas aqui, Miguel – este cromo estava mesmo a pedilas!*». Recomeçaram o cortejo, para irem ter com o Bruno, o Hugo, a namorada do Hugo e mais uns três ou quatro amigos, que já estavam à espera para jantar antes da noite.

No dia seguinte, Miguel acordou tarde. A boca sabia-lhe mal. Mas não estava de ressaca – ele nunca bebia a ponto de 'perder o norte', sabia conter-se e, para isso, tinha o apoio do Bruno. Depois de se ter arranjado, saiu para ir ter com os amigos. O bar da faculdade não tinha muita gente, mas estava com boa música e alguma animação, própria da época. «*Grande dia, ontem, gente! Tava numa de sair hoje à noite outra vez! Que acham?*» perguntou, bem-disposto.

Olhando à volta, reparou que os amigos estavam sérios, o Hugo de cara fechada, a Sandra de óculos escuros. Bruno virou-se para ele, sem o olhar de frente: «*Ainda não soubeste? O tipo de ontem, o Samuel... está em coma*». «*Hã? Coma? Mas... espera, o que aconteceu?*», perguntou, sentindo o chão a fugir-lhe debaixo dos pés. Um monte de pensamentos encheu-lhe a cabeça: o que tinha pensado do Samuel, a 'lição' que achava que ele merecia, o prazer e o gozo que tinha tirado disso. Já nem sequer estava a ouvir o que lhe diziam os amigos.

Sentindo um enorme desconforto no peito, Miguel, saiu do bar para a rua, sem se importar com o sol e o calor. A sua cabeça não parava: será que podia ter feito alguma coisa? Teria ele contribuído para aquela situação? Teria sido da cerveja pelas costas abaixo? Uma congestão? Seria isso possível? Sentia-se afogueado. Porque estava tão chocado? Mal conhecia aquele tipo. Sentou-se na borda do passeio. Sentia-se responsável. Sentia-se...culpado. «*...ó meu Deus, como é possível? O gajo deve ter a minha idade... ele deve...*» Sentiu lágrimas nos olhos. Se fosse como ele, teria os seus planos, a sua vida toda à frente, os seus projetos, amores... tudo. E tudo agora estava parado. «*Esta cena de sermos felizes... pra quê apostar nas coisas se, num momento, tudo vem abaixo? Que justiça é esta, meu Deus, a de se ficar assim... sem futuro?!? ...e se fosse eu?*» Algo de estranho lutava dentro de si. Um lado assustado e desolado, um lado racional. «*As coisas não acontecem 'por acaso'. Eu sou responsável pelos meus actos, não é Deus a brincar comigo ... ou a castigar-me por me ter portado mal. Ou ao Samuel. As escolhas que fazemos têm um efeito de retorno, sou eu que conduzo a minha vida, e...*». «*...e é um caso de 'coma hipoglicémico', ele é diabético...*», dizia Sandra, que entretanto se tinha sentado no passeio, ao lado dele, sem ele sequer dar conta, «*...iria dar nisto, só bebeu, não comeu nada como devia...*». Miguel suspirou. Desta vez, não fora mesmo culpa sua...

E) Que se lixe, é o meu último ano de Queima, mereço estar com os amigos; (FÍSICO)

Miguel pensou: «...que se lixe, é o meu último ano de Queima, mereço estar com os amigos.» E disse para a Sandra: «Espera só um bocadinho, já vou ter contigo». «Vamos, despacha-te!», respondeu a Sandra, recomeçando a descer a rua para acompanhar o cortejo.

«Olha, amigo, vais ficar bem», disse Miguel para o rapaz. «Eu chamo o 112, acho que precisas...descansar um bocado...», ironizou. Samuel, de olhos fechados, acenou com a cabeça, em concordância.

O 112 veio e foi, causando algum incómodo no cortejo visto que teimava em seguir em sentido inverso. Miguel limpou os sapatos o melhor que conseguiu, com um lenço de papel, e começou ele também a seguir o cortejo.

Tinham combinado ‘no tasco do costume’, a hora seria ‘a habitual’... o difícil era encontrar agora os seus amigos, no meio da confusão. Despreocupado, foi olhando e registando, garrafa na mão, toda a animação que o envolvia. E, de repente, sentiu que estava ali...’a mais’. Sentiu-se só. No meio de tanta gente, mas ninguém o ‘via’. Ninguém olhava para ele. Tantos e tantos amigos, e ele só via desconhecidos. Sentiu-se oprimido. Com falta de ar. Apeteceu-lhe sair. Sair dali, do cortejo. À esquina, viu a igreja onde a mãe costumava levar a roupa usada, que as Conferências Vicentinas (de S.Vicente de Paulo) ajudavam a distribuir pelas pessoas mais carenciadas. Num impulso, dirigiu-se para lá, e entrou.

O fresco do interior inundou-o imediatamente, e o ruído pareceu envolvido por um cobertor. Só havia mais duas pessoas sentadas, afastadas entre si, e a luz do Sacrário – uma lâmpada, não era uma vela a sério – marcava ali uma Presença.

Meio envergonhado, enfiou a garrafa de cerveja no bolso fundo da batina e sentou-se num banco, a meio da Igreja. O tempo tinha parado, ali, e aquele aroma familiar despertou-lhe as memórias que reunia desde miúdo - de acolhimento, de segurança, de ‘casa’.

Tinha sido a mãe que o ensinara a rezar. Como ele era asmático, desde os cinco anos, e acordava à noite aflito, com faltas de ar, a mãe sentava-se ao lado dele, às escuras, e começava: «Vá, diz comigo assim: Avé Maria cheia de Graça... o Senhor é convosco...», e ele: «Ah.. ve...Mari... a chei... a de graççç... o Senh... é convosc...». «Vá, não é assim», dizia a mãe, cheia de paciência, «tenta outra vez: Avé Maria cheia de Graça... o Senhor é convosco... bendita sois vós...», repetia, imprimindo ritmo e cadência às frases, para intervalar e controlar a respiração dele, muito rápida naquela ânsia desregulada de sorver o ar.

«...e assim faz todo o sentido, aquela do “Deus está aqui/ tão certo como o ar que respiro/ tão certo como o amanhã...”» disse Miguel para si mesmo, cantando quase sem perceber se o estava a pensar ou se o tinha feito em voz alta. Nem sempre se lembrava disto, agora que era um jovem atlético e bem preparado fisicamente. Uma lágrima correu cara abaixo, um calor saboroso encheu-lhe o peito, sentiu-se pequeno outra vez, acolhido, amado... grato.

Quando saiu para o calor, e o ruído o envolveu, só tinha o desejo de encontrar alguém a quem abraçar. Um qualquer. Mas ia procurar os amigos, e tentar passar um pouco do ‘calor interior’ que tinha consigo, agora. «...tão certo como o ar que respiro...», cantarolou baixinho.

F) Que se lixe, se fosse eu estaria por minha conta, também; (INTELLECTUAL)

Miguel pensou: «...que se lixe, se fosse eu estaria por minha conta, também.» E voltando-se para a Sandra, que recomeçara a descer a rua para acompanhar o cortejo, disse alto: «*Espera só um bocadinho, já vou ter contigo*». «*Vamos, despacha-te!*», respondeu a Sandra. Miguel virou-se para o rapaz, e deu-lhe duas palmadinhas no rosto. «*Samuel, pá, já és crescidinho, certo? Tenho que ir andando, mas tu ficas bem, certo?*». O rapaz levantou a cabeça e abriu os olhos: «*Vais andando? Tá bem...tá bem*», repetiu, afastando-se do poste. «*Eeeh calma lá! Senta-te aqui no muro, Samuel. Ficas bem?*». «*Sim, fico*», respondeu, acomodando-se contra a parede e fechando os olhos novamente, «...eu fico bem.»

Miguel deu uma corrida e rapidamente apanhou a Sandra. A festa estava ao rubro, e toda a gente se mexia com enorme à-vontade, no meio de toda aquela cor e dança e alegria. «*Vamos ao carro da Maria, ela dá-nos de beber*». «*Eu preciso de comer*», insistia Bruno, «*senão não bebo mais*». «*Ei, atira aí uma sandocha...não? Um pacote de bolachas? ...batatas fritas?...*». O Hugo não parava, chegava a ser chato. «*Ei, manos, olha a foto!*»

Miguel teve um baque. «*Se fosse eu, estaria por minha conta, também...*». Mas ele sabia que não era assim: os amigos nunca o deixariam sozinho, nem chegar ao ponto em que dormiria em cima de um muro na avenida. Decidido, entregou a garrafa meio cheia ao Hugo e disse, no meio do barulho: «*Não o vou deixar sozinho!*» e voltou para trás, a correr. Hugo e o Bruno ficaram a olhar, sem perceber nada.

Chegou rapidamente ao sítio onde tinha deixado o rapaz. Ele tinha estudado socorrismo, para o curso da Protecção Civil! Cá estava uma ocasião para aplicar o que sabia. Não é preciso ir para o estrangeiro fazer 'solidariedade', quando a podemos fazer na nossa própria casa. Samuel estava no mesmo sítio, apenas tinha escorregado para o chão e estava sentado, olhos fechados, de pernas abertas e encostado ao muro. As pessoas passavam e desviavam-se.

Miguel baixou-se, tomou-lhe o pulso e chamou baixinho: «*Eh, amigo, tou aqui. Tás bem?*». Samuel mexeu a cabeça, abriu os olhos e sorriu. «...eu? tou bem... e tu?». Miguel sorriu também. O outro, embora pálido, não estava a suar, nem com tremores ou taquicardia. Lembra-se dele – bom sinal. «*Vá, desculpa ter-te deixado, fui só ali... olha, vamos sentar-nos como deve ser? Vá, anda daí*». Levantaram-se como puderam, andaram um pouco, acomodaram-se melhor no muro, os dois sentados encostados à parede, Miguel a segurar o outro com o braço por cima dos ombros.

Bruno foi o primeiro a vê-los. «*Olha que dava cá uma foto!...*», gozou. O Hugo e a Sandra chegaram logo a seguir, e começaram a rir ao vê-los. «*Ai que rico par!*». A Sandra, ainda a rir, foi sentar-se ao lado de Miguel. «*És um querido! Adoro-te! Por seres meu amigo!*», disse, abraçando-o com força e dando-lhe um beijo. «...e cheiras a vinho que tresandas!», continuou, fazendo com que também Miguel desatasse a rir. «*Vá, abraço de grupo!*», desafiou o Hugo, sentando-se do outro lado, e arranjando espaço para o Bruno se sentar, «*e senta-te aqui, Bruninho, prefiro o teu cheiro a cavalo ao cheiro deste desgraçado...pfff, vinho tinto... e vomitado...*», resmungou, enquanto todos se ajeitavam num só abraço.

A foto no jornal local, no dia seguinte, foi um sucesso entre os conhecidos.

Capítulo V

“(...) a perfeição só existe dentro de nós, naquilo que pensamos que é perfeito. Cada caminho leva-nos a um lugar diferente, mas são os nossos passos que nos farão encontrar mais ou menos lampejos de felicidade, em qualquer dos caminhos.”

Kilian Jornet “Correr ou Morrer” / citado por João Garcia, alpinista

Estava a ser um dia normal, no balcão da McDonald's. Alguns estudantes, uns turistas, uma mãe com dois filhos que não paravam quietos e a pedir balões. Nada de mais. Miguel coçou a cabeça por baixo do boné. Logo de manhã, Jorge – o responsável da loja, disse-lhe com ar sério que precisava de falar com ele. Ainda não o tinha chamado – estava, desde essa altura, ao telefone no pequeno escritório do fundo – e Miguel sentia-se curioso.

«Tás a pensar se o 'Big Jota' te vai pôr a andar?», comentou nas suas costas o Carlos, com um risinho cretino. «É, é bom que haja gente que abra os olhos... né, Miguelinho?». Miguel não gostava do Carlos, que mostrava inveja por ele estar num curso superior e por ter 'vida própria' para além deste 'part-time'. Não era pessoa para criar bom ambiente, pelo contrário, às vezes provocava algum mal-estar entre os colegas. Tinham tido uma discussão uns dias antes, e se as coisas já não andavam bem... pior ficaram.

Carlos tinha dado conta que Miguel não tinha acondicionado devidamente os produtos, para serem servidos no turno seguinte. Fora dar com ele a pôr num saco preto - para deitar fora - pão fresco por utilizar mas que ficara fora da embalagem, mais umas paletes de carne crua e algumas embalagens de salada e gelado, que tinham ficado fora do frigorífico. Isso iria de certeza reflectir-se na contabilidade geral, na revisão de contas. Miguel fora apanhado em flagrante a fazer uma asneira. Desde essa altura, Miguel sentia Carlos como uma ameaça velada. Não sabia se ele teria contado alguma coisa a alguém. E agora, Jorge queria falar com ele. O que havia de pensar?

«Miguel, podes chegar aqui, por favor?», chamou Jorge, abrindo a porta de vidro do escritório. «Senta-te aí um pouco», disse, enquanto passava para trás da secretária minúscula e ordenava uns papéis. «Temos de falar do teu futuro aqui, Miguel». Miguel estremeceu, e respirou fundo, pensando: «Tou feito!». Jorge cruzou as mãos e continuou: «Estive em contacto com a administração. Esta loja não deu tanto lucro como pensavam, e vão ter de despedir gente. Entretanto, ofereceram-me um lugar como gerente noutra loja, maior e bem mais perto de casa...e é uma promoção muito boa. Pediram-me para pôr isto em ordem antes de sair». Jorge fez uma pausa, antes de continuar. «A minha proposta é esta: ficares tu no meu lugar, desde já, e seres tu a propor uma pessoa para ser...dispensada...ou despedida, para sermos práticos! Pensei no Carlos, é um tipo que chega muitas vezes atrasado ao turno, mas que faz questão de ser sempre o primeiro a sair de serviço. Será a tua primeira ação e decisão como responsável de loja. Que dizes?».

Miguel ficou parado, de boca aberta. Tinha de decidir:

- A) aceitar a proposta de Jorge, ignorando o que se tinha passado;
- B) recusar a proposta de Jorge;
- C) aceitar a proposta de Jorge, mas propondo outra pessoa para ser despedida;
- D) recusar a proposta de Jorge, oferecendo-se para ser ele despedido;

- E) aceitar a proposta de Jorge, e validar o despedimento do Carlos;
- F) recusar a proposta de Jorge, mas validar o despedimento do Carlos;

A) Aceitar a proposta de Jorge, ignorando o que se tinha passado; (SOCIAL)

Miguel ficou espantado. Não estava nada à espera de nada disto – esperava uma reprimenda, eventualmente um castigo, não uma promoção. Hesitou. Obviamente, não tinha sido denunciado pelo colega, relativamente à asneira que fez. É porque se calhar não era assim tão importante. E a promoção fazia-lhe jeito – precisava de dinheiro e isto representava um bom acréscimo. Olhou nervoso para o seu chefe, mas ficou tranquilo – Jorge sorria, à espera da resposta. *«Sim, aceito. Claro que aceito! Acho que vai ser excelente! Muito obrigado por isto, Jorge. Mesmo!»* disse, num só fôlego. Jorge acenou com a cabeça: *«Eu sei que vai ser excelente! Já te conheço. Claro que, agora, vais ter de ter o reverso da medalha. Queres que chame o Carlos agora? Ou queres um tempo para pensar no que lhe vais dizer?»*

A conversa com o Carlos não foi fácil. À primeira reacção – muda, de surpresa – seguiu-se a outra reacção, de negação e de irritação profunda. Carlos afirmou que não iria deixar as coisas assim. E no dia em que esvaziou e limpou o seu cacifo, e foi entregar a Miguel os elementos da farda que pertenciam à loja, Carlos, sempre muito pálido, deixou escapar em voz baixa um comentário: *“Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo...”*. Miguel sentiu algum desconforto ao ouvir o comentário, mas manteve-se rígido e disse apenas: *«Desejo-te melhor sorte para o futuro. Lamento que seja assim.»*

Os primeiros dias foram trabalhosos: o Jorge foi mais cedo para a outra loja e Miguel ficou sozinho a assumir por inteiro as suas funções, primeiro a medo, mas depois com confiança crescente. Dava-se bem com os colegas e, como os conhecia bem, o espírito de equipa manteve-se e a coisa recomeçou a ‘rolar’, sem problema. Por isso estranhou quando naquele dia, ao chegar, viu o carro do Jorge estacionado nas traseiras – já não era habitual. Quando entrou, Jorge estava no meio da cozinha, a conduzir o funcionamento das coisas e a corrigir este ou aquele aspecto, com a farda habitual. Olhou para Miguel, e com um sinal de cabeça rápido cumprimentou-o e disse: *«Vamos lá pra dentro? Preciso de falar contigo.»*

Uma vez no pequeno escritório, Miguel viu que as suas coisas já não estavam no mesmo sítio, e que alguém andara a mexer na secretária. Antes que pudesse perguntar alguma coisa, Jorge fechou a porta e começou a falar: *«Sei que não somos propriamente o que se chama ‘amigos’, mas damo-nos bem, e sempre nos fomos entendendo»*. Miguel acenou positivamente, sem ver para onde seguia o rumo da conversa. *«...por isso, fui apanhado de surpresa, quando a administração me chamou e me mostrou isto. Lê!»*, continuou, retirando uma carta do bolso e batendo-lhe com ela no peito. *«Vá, lê!»* Miguel desdobrou a carta, devagar. A primeira coisa que viu foi o nome de Carlos. Este descrevia os factos que tinha visto na cozinha da loja, sem exageros nem fantasias. *«Como pudeste não me dizer nada? Eu ‘atravessei-me’ por ti, recomendei-te, elogiei-te, entreguei-te a loja, o mínimo que eu esperava era sinceridade!»*. Jorge tinha a cara rígida, dos nervos. *«Não imagino quantas vezes isto aconteceu sem eu saber. Não quero ouvir desculpas. Por tua causa, perdi a confiança da administração e o lugar de gerente. E perdi a confiança em ti! Pá, se me tens falado! Era tão simples, chateava-me mas até relevava a coisa. Agora assim...quem mente em pequenas coisas, sabe-se lá que mais poderá esconder! Nem sei quem é pior – se tu, que me mentiste, ou o Carlos, que sabia e só agora o diz, por vingança. Esse já não volta. E tu estás despedido, Miguel. Por justa causa: danos materiais e financeiros na minha loja. Desaparece. Alguém acerta as tuas contas depois. E fecha a porta quando saíres...»*

B) Recusar a proposta de Jorge; (ESPIRITUAL)

Miguel ficou espantado. Não estava nada à espera de nada disto – esperava uma reprimenda, eventualmente um castigo, não uma promoção. Hesitou. Obviamente, não tinha sido denunciado pelo colega, relativamente à asneira que fez. Mas isso não deixou tranquilo. Com sinceridade, respondeu: *«Pá, obrigado, Jorge, mas... nem sei o que dizer... não contava com isto. Agradeço, mas... dá-me um tempo para pensar, ok?»* Jorge ficou sério. *«Claro, mas não demores muito»*, respondeu. *«Não posso sair sem um substituto, e não quero deixar passar esta oportunidade.»*

Quando saiu da loja, Miguel ia pensativo. Tinha em si perfeitamente definido o conceito do ‘certo’ e do ‘errado’, e sabia que havia algo de errado na decisão que gostaria de tomar. Claro que queria aceitar o lugar. Claro que queria receber mais, ser ele a gerir este trabalho numa posição mais confortável do que a que tinha agora. Mas não queria revelar ao Jorge que não era o ‘funcionário exemplar’ que, pelos vistos, ele o considerava ser. Era medo? Vergonha? *«Toda a gente quer ter uma ‘boa imagem’ perante o mundo, só um parvo se humilha quando tem hipótese de ser bem considerado por todos. E o que os olhos não vêem...»*, pensou.

No seu trajecto habitual passava sempre naquela casa de freiras, que tinha aquela capela simpática onde tinha recebido catequese, quando era garoto. Num impulso, talvez por sentir necessidade de resolver rapidamente esta inquietação, decidiu entrar. A capela pouco mais era que uma sala grande, com ar de ‘sala de vistas’ de alguém. Quando ele era miúdo, quase que esperava ver a ‘Nossa Senhora’ entrar, com o vestido branco e manto azul, como nas figuras do catecismo, e com um tabuleiro com leite e bolachinhas, como a sua própria mãe fazia em casa. Sentia-se tranquilo ali, e deixou-se ficar sentado a olhar o chão encerado, com uma mancha de luz laranja do sol da tarde.

Normalmente fazia este exercício assim: quando estava indeciso acerca de algo, ou com sentimentos confusos, deixava a mente divagar neste tipo de ‘ambiente protegido’. Era quase como um diálogo mudo que fazia, onde se expunha sem falar, onde não se sentia julgado, onde tantas vezes se sentia esclarecido. E assim o fez, mais uma vez. Deixou a mente ‘correr o filme’, sentindo-se observado com compreensão, e reparando – com alguma clareza – na natureza da atitude que estava a ter. Cristo, para ele, sempre se parecera um pouco com o Pepe, o surfista ‘boa onda’ de barba e cabelo comprido, que morava no 5ºC quando ele era miúdo, e que o cumprimentava despenteando-lhe o cabelo com a mão, quando o encontrava nas escadas. Por isso o seu diálogo tinha um parceiro, paciente, observador, que dizia um ‘sim’ com a cabeça quando ele, por si, chegava às mesmas conclusões...d’Ele.

Era o caso. Sabia o que fazer. Com um sorriso e um aceno de cabeça para a cruz, saiu novamente em direcção ao ‘Drive-in’, onde encontrou o Jorge a pôr os brindes das refeições no armário grande. Falou tudo o que tinha para dizer, de uma só vez, sem ser interrompido. E quando Jorge lhe disse que, face a este tipo de comportamento, *«não lhe iria sequer renovar o contrato, quanto mais um cargo de chefia...»*, Miguel sentiu-se tranquilo. Conseguiu mesmo apertar a mão ao ex-chefe, sem rancor. E inclusive disse um ‘adeuzinho’ ao Carlos que, parado atrás dos grandes vidros, os observava sem perceber nada. E seguiu rua abaixo. A sorrir consigo mesmo. Era bom caminhar sem pesos...de consciência...

**C) Aceitar a proposta de Jorge, mas propondo outra pessoa para ser despedida;
(CARACTER)**

Miguel ficou espantado. Não estava nada à espera de nada disto – esperava uma reprimenda, eventualmente um castigo, não uma promoção. Hesitou. *«Quería pensar nisso mais um pouco»*, foi o que disse ao Jorge.

Voltou para a área de serviço, ao lado da cozinha, e observou os colegas. Com olhos de ver. O Carlos continuava com o seu ar de cretino, a mandar piadinhas venenosas a tudo e a todos, e a olhar para ele pelo canto do olho; a Joana distraída, que tantas vezes se esquecia de pôr sal nas batatas fritas...ou punha duas vezes; o Zé e o Hugo, dois palhacitos divertidos, que brincavam com brindes que supostamente se destinavam aos clientes; Tiago, o mais calado de todos; a Vera, com o seu ar de gato e sorriso pegajoso e... *«E então, o ‘doutor’ já falou tudo o que tinha a falar com o ‘Big Jota’?»* Carlos era sempre assim, uma ‘pedra no sapato’ de Miguel. Sempre que podia incomodava-o, o que acontecia várias vezes ao dia – ou porque não tinha tirado os tabuleiros da máquina de lavar, ou porque não havia guardanapos nos dispensadores (Miguel detestava fazer esses trabalhos de manutenção), ou porque não tinha ido buscar a caixa de pacotinhos de molho ao armário grande. Esta seria sem dúvida uma boa oportunidade para tirar aquele ‘cromo’ da sua vida. Que o podia prejudicar. Bastava ele abrir a boca.

Miguel tomou uma decisão. Batendo à porta do Jorge, enfiou a cabeça no escritório minúsculo e perguntou: *«Chefe, podemos conversar agora?»*. *«Claro, entra»*, respondeu Jorge, assinando mais três folhas até lhe dar atenção. *«E então? Já pensaste na nossa proposta?»*

Miguel respirou fundo. Mas tinha que o fazer, era a melhor solução: *«Sim, Jorge, pensei, e resolvi aceitar. Mas tenho uma condição – e trata-se do Carlos»*. *«Do Carlos? Mas isso já está resolvido...»*. *«Não, não está. Olha, acho que não deves misturar as coisas – eu entrar e o Carlos sair. Bem sabes que eu nem vou nada ‘à bola’ com ele. Mas, de todos os empregados que tens, o Carlos é o que faz melhor trabalho, é o mais ‘eficaz’ dos funcionários.»*. *«A sério? Não é assim que vejo as coisas – chega tarde, é o primeiro a sair...»*. *«Sim, até pode ser»*, continuou Miguel, *«mas é de todos o mais responsável, o que mais se interessa por um serviço bem feito.»*. *«Hmm...mas eu vou ter de dispensar alguém»*. *«Se tens mesmo de despedir alguém, então escolhe...a Vera. Olhando para todos, é a que menos faz, chega a ser má com a Joana, não rende no trabalho e está sempre a dar ordens aos dois palhacitos, que acabam por fazer o trabalho que ela não gosta de fazer»*.

Jorge ficou parado a olhar para o Miguel, à sua frente. Sabia que às vezes ele era um pouco desastrado, e sabia da história dele ter mandado carne e pão para o lixo – Carlos tinha-o posto logo ao corrente. Mas também achava que ele era honesto e trabalhador e, acima de tudo, que tinha carácter. Era o que via agora, à sua frente. Tinha tido esta oportunidade ‘de ouro’ de matar dois coelhos de uma só cajadada – subir de cargo e afastar o incómodo Carlos, e optou pelo que achava mais justo.

«Ok. Benvindo a bordo, Chefe Miguel. A tua equipa de trabalho será a que tu escolheres».

D) Recusar a proposta de Jorge, oferecendo-se para ser ele despedido; (FISICO)

Miguel ficou espantado. Não estava nada à espera de nada disto – esperava uma reprimenda, eventualmente um castigo, não uma promoção. Hesitou. Obviamente, não tinha sido denunciado pelo colega, relativamente à asneira que fez. É porque se calhar não era assim tão grave.

Mas não lhe parecia certo. Dinheiro não era tudo. Claro que lhe faria jeito, se fosse para *Erasmus*... mas mesmo que não fosse – não se podia dar ao luxo de rejeitar este apoio à mãe em casa, pelo menos não se tornando num peso para ela. E havia a situação que ele sabia – era ele, não o Carlos, quem tinha cometido alguns erros ali no restaurante. Por muito que lhe custasse admitir. Quem não dava para aquilo era ele, por muito bem que lhe soubesse receber estes euros a mais.

«Agradeço o facto de teres pensado em mim para este lugar, Jorge. Mas acho que não posso aceitar. Não me parece ser a pessoa mais adequada para isto. Se calhar, está na altura de tomar um rumo, e deixar de estar aqui só pelo dinheiro. Se tiveres de despedir alguém, despeço-me eu. Assim não tens de mandar mais ninguém embora, e eu fico mais tranquilo – há outras coisas que eu posso vir a fazer».

Jorge parou a observar o seu empregado, quase pela primeira vez. Tinham quase a mesma idade. E afinal...

«E então, se saíres daqui, o que vais fazer? Para além de acabares o curso, quero eu dizer...?»

«Quero preparar-me para o Curso de Protecção Civil, pretendo fazer provas físicas, e tenho-me desleixado. Se correrem bem as provas, posso candidatar-me a uma brigada ligada à 'OIPC' – a Organização Internacional de Protecção Civil, e posso ir para o estrangeiro ajudar em situações especiais de catástrofe. Mas eles só escolhem os mais bem preparados. Talvez seja a minha oportunidade», explicou Miguel, sorrindo pela primeira vez durante esta conversa.

«Talvez seja, mesmo», pensou o Jorge, sorrindo também.

Levantou-se para apertarem as mãos. *«Talvez um dia também eu salte daqui, Miguel, e consiga também fazer uma escolha para mim»,* comentou, sorrindo com um certo tom de inveja.

E) Aceitar a proposta de Jorge, e validar o despedimento do Carlos; (AFECTIVO)

Miguel ficou espantado. Não estava nada à espera de nada disto – esperava uma reprimenda, eventualmente um castigo, não uma promoção. Hesitou. Obviamente, não tinha sido denunciado pelo colega, relativamente à asneira que fez.

«Acho que sim, Jorge. Eu aceito o lugar», respondeu sorrindo. «Mas peço-te um favor: não me faças começar uma ‘carreira’ a despedir pessoas. Podes fazê-lo tu?». «Sim, claro, desde que concordes comigo nesse aspecto...». «Sim», respondeu Miguel, «cá nos arranjamos sem o Carlos». Jorge foi falar com os restantes funcionários, enquanto Miguel saiu para o estacionamento para dar três pulos de alegria e ligar à mãe. Há muito tempo que ela lhe dizia para ele se esforçar um pouco mais, que iria chegar longe se se desse ao trabalho de gerir bem as suas relações, não só de amigos mas também profissionais. E o resultado estava aqui.

Quando voltou, foi acolhido com agrado pelos colegas, com palmadas nas costas e sorrisos verdadeiros. Sentiu-se bem, gostava daqueles tipos, apesar de serem todos tão diferentes. Carlos não estava com os outros, e Miguel não se importou muito – sentiu que seria mais fácil para ambos se não trocassem muitas palavras entre si. Quando acabou de assinar a papelada que Jorge tinha preparado, e se preparava para voltar à área da cozinha, deu de caras com o Carlos. Este desviou-se, mas ao passar por ele, deu-lhe um ligeiro encontrão e disse baixo: *«Eu mando as bocas mas não te lixava, pá. Se pensas que sim...tás bem enganado»*. E saiu, carregando uma mochila pequena com as suas coisas.

Miguel ficou a olhar através do vidro, a vê-lo afastar-se com ar abatido. Não tinha nada a ver com o tipo cínico e cretino que ele se habituara a ver, naquela cozinha e balcão.

Com o passar dos dias, foi-se apercebendo que Carlos tinha tido oportunidade de o acusar e de lhe fazer a vida negra. Apesar de tudo, não o fizera. Isso deixava-o surpreendido, sempre supusera que o outro iria tirar proveito disso, para algum tipo de chantagem.

Quando chegaram os cheques do ordenado, Miguel pegou no envelope do Carlos e enfiou-o no bolso. Quando saísse, iria levar-lho pessoalmente. Carlos recebeu-o em t-shirt e boxers, a barba por fazer. Convidou Miguel a entrar para a sala pequenina, sofá de dois lugares. Ele sentou-se numa cadeira que afastou da mesa. Foi falando de como tinha chegado da ‘terrinha’, e descoberto aquele lugar mesmo ao tamanho dele. Não tinha tido hipótese de estudar, não tinha jeito para isso, e os pais cansaram-se de lhe pagar escola e explicações para nada. Vivia sozinho. Ou quase: tinha um cágado, de nome Ramiro. Invejava-o porque ele tinha uma mãe e um irmão pequeno, e um curso e amigos do curso, e todos o iam ver ao restaurante e cravar pacotes de batatas fritas às escondidas. E mochilas e sapatilhas que ele também gostaria de ter, mas que talvez nem lhe ficassem bem.

Miguel saiu de lá diferente. A primeira coisa que iria fazer, no dia seguinte, era propor nova contratação para o Carlos. Se insistissem no número máximo de funcionários, lá da central, iria sugerir que dispensassem a Vera. Essa aí, realmente, não valia nada. Estava decidido. Podia mandar com a cabeça, mas tinha de confiar no coração.

Era como o seu antigo chefe dos escuteiros lhes dizia, quando receavam algo novo: *«Custa? É natural: ninguém ama aquilo que não conhece. Quando conhecerem, irão gostar...»*

F) Recusar a proposta de Jorge, mas validar o despedimento do Carlos; (INTELLECTUAL)
Miguel ficou espantado. Não estava nada à espera de nada disto – esperava uma reprimenda, eventualmente um castigo, não uma promoção. Hesitou. Obviamente, não tinha sido denunciado pelo colega, relativamente à asneira que fez. É porque se calhar não era assim tão importante. E a promoção fazia-lhe jeito – precisava de dinheiro e isto representava um bom acréscimo.

Mas mesmo assim, sentiu que não era justo. E foi isso que transmitiu: *«Obrigado, Jorge, fico honrado por esse gesto de confiança, mas não posso aceitar. Sinto que não tenho estofo para ser gerente de loja, falta-me prática e alguma dedicação»*. *«Falta-te estofo? Miguel, és um gajo com estudos, tens capacidade de te relacionares bem com as pessoas, és educado para os clientes e colegas, que mais achas que precisas tu?»*, discordou Jorge, persuasivo. *«Olha, sinto que, apesar de gostar do que faço, não quero fazer isto por muito mais tempo. Tenho outras ambições na vida»*, respondeu Miguel, tranquilo. *«Ok, muito bem. E então o Carlos?»*

«O Carlos?», continuou Miguel, *«pois, o Carlos é um problema com que terás de lidar. É um tipo um bocado ‘grosseiro’, cria muitas vezes mau ambiente. Não só entre colegas, mas também por vezes com os clientes – tem uma atitude arrogante e agressiva. Além disso, chega sempre tarde e é sempre o primeiro a ir embora. Até poderia fazer um bom trabalho – tem capacidades para isso – mas terás de ser tu a pô-lo na ordem, ele precisa de alguma autoridade. Se o puseres a gerir só a cozinha, em vez de o incluíres na rotatividade de atendimento a clientes, parece-me que ele conseguirá render mais, porque fica directamente dependente de ti, e o âmbito de acção dele não interfere com o público»*.

Jorge ouviu com atenção, e começou a sorrir. *«Ok, ouvi o que queria, respondeste-me melhor do que estava à espera»*.

E explicou: tudo se tratava de uma estratégia de Jorge, de um ‘jogo de decisão’ proposto pelos ‘Recursos Humanos’ da empresa. Ninguém iria ser despedido. Ninguém iria ser promovido. O que eles estavam a avaliar era a capacidade de cada um reagir a uma situação concreta, relacionada com o trabalho da loja. A ele tinha sido colocado aquele problema, aos outros tinha sido colocado uma hipotética situação de emergência na cozinha, um acidente de trabalho ou um problema a resolver com uma reclamação de cliente.

«Mas gostei do que disseste, Miguel», prosseguiu Jorge, *«revela que tens capacidade de observação e de discernimento. Conseguiste dar uma resposta adequada, e propor inclusive soluções, que – aqui para nós – se calhar vou aproveitar, porque me parecem ajustadas»*, concluiu, piscando o olho.

Miguel sorriu, surpreendido com tudo aquilo, mas ao mesmo tempo satisfeito. Gostava deste tipo de ‘jogos de decisão’. E como lhe dizia o seu amigo: *«Se não fazes parte da solução, então é porque fazes parte do problema»*.

Sim... era bom sentir que às vezes conseguia ser ‘solução’, neste Jogo da Vida.

Capítulo VI

“(...) *Eu sou do tamanho do que vejo, e não do tamanho da minha altura.*”

Alberto Caeiro In “Guardador de Rebanhos”

Ajustou os auriculares do ‘mp3’. Miguel estava a ‘fazer horas’ para a Sandra e o Bruno chegarem, sentado num banco do Centro Comercial. Ia comprar uma mochila nova. Talvez ir ao cinema. E partilhar com os amigos os seus novos planos de futuro, como já era habitual. O Hugo já lá estava mas, como os outros dois demorariam um pouco e ainda era cedo para lanchar, tinha ido dar uma volta, ver qualquer coisa numa loja.

Miguel saboreava, de olhos vagos, a nova gravação dos *Coldplay* que pusera no aparelho nessa manhã. Não eram os seus favoritos; no entanto, aquela música «*Til kingdom come*» do CD, mexera com ele. O tom ‘celta’ e um pouco melancólico da melodia ia ao encontro do seu estado de espírito actual, enquanto tentava perceber a letra e tirar daí algum sentido, pela terceira vez que a ouvia nesse dia.

Donde estava tinha uma visão geral da entrada principal do Centro. Vê-los-ia chegar. Distraído, olhou em volta, reparando indiferente no colorido das montras e no movimento das pessoas a passear entre as prateleiras das lojas, parando e mexendo em mil produtos de todo o tipo. Houve, no entanto, algo que viu – um movimento dissimulado que detectou – que lhe deu um sinal de alerta: aquela pessoa de costas, que ainda há pouco segurava um objecto na mão – estava agora a retirar discretamente essa mão da mochila que trazia ao ombro, e... vinha vazia. A mesma mão ajustou o fecho, fechando-o e puxando a mochila mais de encontro ao corpo. Miguel estava de boca aberta. Estava a observar um roubo de loja. Olhou para o balcão da entrada – lá estava a menina da caixa a conversar com o Segurança. Aparentemente, nenhum deles tinha dado conta de nada.

A situação ‘acordou-o’. Sentiu-se incomodado. Mexeu-se um pouco, para poder ver melhor através do reflexo da montra. Lá estava o Hugo – ou pelo menos uma t-shirt igual à dele – a passear no meio das prateleiras daquela loja. Não tinha dado conta dele ter entrado ali. Tornou a olhar, fixando o olhar. Era o Hugo, mesmo. Mas...era ele a pessoa da mochila? Ficou pálido e de boca aberta. O amigo estava a roubar numa loja. A roubar? Mas ele nem tinha necessidade disso. E o Segurança logo ali, à entrada. Aquela senhora com a miúda – teria visto alguma coisa? Estavam mesmo ali, no corredor ao lado...

Olhou instintivamente em volta – parecia que mais ninguém estava a olhar para lá. Alguém mais teria dado conta? Aquele senhor grisalho que estava sentado ali ao lado, estaria a dirigir-se para lá?

Miguel tirou os fones dos ouvidos com um puxão e pôs-se de pé. Pensou no que poderia fazer:

- A) Ir até à porta da rua, e ignorar o que tinha visto;
- B) Ir ter com o segurança, e avisar do roubo;
- C) Ir ter com o Hugo à loja para lhe ‘passar uma descasca’ sem estar preocupado com quem está;
- D) Relativizar a situação – afinal, aquela casa vendia só quinquilharia;
- E) Pregar um ‘susto’ ao Hugo ligando-lhe para o telemóvel;
- F) Esperar pela chegada dos amigos;

A) Ir até à porta da rua, e ignorar o que tinha visto; (AFECTIVO)

Decidiu ir até à porta da rua, e ignorar o que tinha visto. Estava chocado, não sabia o que pensar. Conhecia o Hugo há anos – colegas desde o ciclo preparatório; tinham andado sempre no mesmo grupo de amigos, embora o pai dele fosse industrial e andasse sempre com mais dinheiro no bolso que qualquer um dos outros. Isso é que era estranho: o Hugo não precisava de roubar. Ele tinha o que quisesse. E até era muito desprendido relativamente às coisas que possuía – tinha-lhe dado uns *Ray-Ban* verdes, quando comprara uns outros espelhados; pagava a gasolina no carro do pai, quando iam sair; deixara-o conduzir o carro... e até tinha batido... e não lhe pedira nada pelo arranjo. Não sabia o que pensar.

Pensou fugir, ir embora para não ter de o enfrentar. Mas entretanto, Hugo chegou ao pé dele e pôs-lhe a mão no ombro: *«Tás aqui, Mitch? Andei lá dentro à tua procura, podias ter dito... A Sandra e o Bruno ainda não chegaram?»* Parou de falar quando viu a expressão na cara do Miguel. *«Que se passa, pá? Aconteceu alguma coisa?»* Miguel respirou fundo, nervoso. *«Não sei, Hugo, achas que se passou alguma coisa?»*. *«Ai, ai, ai»*, começou o Hugo, a revirar os olhos, *«agora tás com ‘tiques de gaja’. Se queres dizer alguma coisa diz, man, não comeses com coisas! Que se passa?»*

Miguel confrontou-o. Tinha-o visto. Tinha ficado assustado. Tinha ficado cheio de vergonha. Tinha ficado sem saber o que fazer. Tinha fugido dali, para não ter de o enfrentar e falar sobre isto. Não queria pôr em causa a amizade. Gostava dele como se fosse seu irmão. Mas não entendia o porquê.

Hugo ouviu, calado, primeiro muito vermelho, quando se viu ‘apanhado’, depois muito pálido, a olhar para o chão. *«Tens razão, tirei uma coisa de lá. Não roubei, não sou ladrão. Mas tirei uma coisa de lá, este ‘mp3’ Azul-metalizado, que é um...»*

«...NÃO QUERO SABER!», interrompeu Miguel, elevando a voz. *«Não me interessa o que foi, não me interessa se lhe chamas tirar ou roubar! É o mesmo! Isso não é teu! Porque fizeste isso, man? Não tens necessidade nenhuma disso!»*

Hugo começou a andar ao longo do passeio. Miguel foi atrás. *«Vais fugir? Hugo, não me digas que vais fugir!»* Hugo parou. *«Não sei o que vou fazer. Queres agora o quê? Que volte lá pra entregar isto?»* *«Sim»*, respondeu Miguel, calmamente. Hugo começou a passar a mão no cabelo e na cara, a abanar a cabeça: *«Não tenho coragem, tás parvo? O que é que vão dizer, o que é que vão pensar de mim?»*. *«Não sei...»* respondeu Miguel, *«...mas não vais lá sozinho – eu vou contigo...se quiseres...»*. Hugo acenou que sim com a cabeça, e os dois voltaram para o Centro Comercial.

Na loja, um Hugo submisso confessou a um segurança espantado que tinha visto aquele produto na prateleira, e que tinha notado que o selo de alarme estava caído ou teria sido retirado, e que tinha tirado aquilo sem pensar e posto na mochila. Não pensou. Agora que tinha pensado no que tinha feito, vinha devolver. O segurança ficou uns segundos parado, a olhar fixamente para o Hugo após este se ter calado. *«Não posso ser eu a resolver isto. Tenho de pedir-lhe para vir comigo à gerência»*, disse o homem, pegando na peça, *«pois, é bem verdade que ‘a ocasião faz o ladrão’»*. Hugo olhou para o amigo, alarmado. *«Vá, vamos os dois, Hugo»*, tranquilizou Miguel, pondo-lhe a mão no ombro, *«...eu tou contigo, ok?»*

B) Ir ter com o segurança, e avisar do roubo; (CARACTER)

A primeira reacção de Miguel foi ir até à porta da rua e ignorar o que tinha visto. Estava chocado, não sabia o que pensar. Conhecia o Hugo há anos – colegas desde o ciclo preparatório; tinham andado sempre no mesmo grupo de amigos, embora o pai dele fosse industrial e andasse sempre com mais dinheiro no bolso que qualquer um dos outros. Isso é que era estranho: o Hugo não precisava de roubar. Ele tinha o que quisesse.

Talvez por isso mesmo é que se sentia chocado. Não fazia parte dos valores dele, do seu conceito de vida e de propriedade. Sempre lhe tinham ensinado, lá nos escuteiros, a partilhar e a respeitar o que era dos outros. Isso estava ‘impresso’ nele como uma tatuagem na alma – era mais forte que ele. Por isso mesmo, dirigiu-se à loja, ao segurança que estava perto da porta. Procurou Hugo com o olhar, mas não o viu.

«*Desculpe*» disse, olhando para o segurança, enorme – era pelo menos uma cabeça mais alta que ele e devia pesar uns 200kgs, «*desculpe, eu estava ali fora no corredor, sentado, e ao olhar aqui pra dentro da loja, dei conta do que me pareceu um ...furto. Ali. No corredor da direita. Pareceu-me ver alguém a pôr alguma coisa dentro da mochila!*» O segurança olhou fixo para ele: «*Como diz? Viu...o quê?*» «*Pareceu-me ver um furto, aqui na loja*», repetiu Miguel, «*mas não tenho a certeza, tinha o reflexo do vidro, e posso ter-me enganado...*». O segurança entretanto pegara no ‘walkie-talkie’ que tirara da cintura e murmurara qualquer coisa que Miguel não percebera, com o ruído de estática. «*Venha aqui comigo, se faz favor*», disse de forma delicada, puxando Miguel para longe do balcão e da passagem das pessoas.

Inesperadamente, Miguel viu o gigante abrir a cara num sorriso agradável. «*Tem a certeza do que viu? O senhor é mais atento e perspicaz que as pessoas a quem se destina este exercício!*» «*Perspicaz? ...Exercício?*» Miguel não estava a perceber.

«*É o seguinte: faz parte das nossas normas de segurança fazemos ensaios de alarmes, de incêndios ou de situações imprevistas. Esses, sobretudo, para o público em geral, mas também para os funcionários*», continuou o segurança, visivelmente com vontade de rir. «*Neste caso, o exercício destinava-se apenas aos funcionários, mas pelos vistos só o senhor se apercebeu*» Nesta altura, sorria abertamente. «*Um dos meus colegas anda à paisana, de loja em loja, a simular furtos de produtos dos mais variados. Andamos nisto desde manhã, e o senhor é o primeiro a reparar nisto – dos funcionários, até agora ninguém deu conta*».

Miguel estava de boca aberta, sem saber o que pensar. Sentindo uma pancada no ombro, virou-se e deu de caras com o Hugo, que comia tranquilamente um gelado. «*Tava com fome, e eles nunca mais chegam... queres?*» E depois, passando os olhos do Miguel para o segurança: «*...mas...e então? Que se passa? ...olha...não queres mesmo? ...é morango...*»

E enfiando o braço no do amigo, dirigiram-se para a entrada do Centro comercial, com o Hugo orgulhoso a mostrar ao Miguel a sua nova aquisição, um brilhante e novo ‘mp3’ Azul-metalizado, ainda na embalagem.

C) Ir ter com o Hugo à loja para lhe ‘passar uma descasca’ sem estar preocupado com quem está; (FISICO)

A primeira reacção de Miguel foi mandar um berro. Estava chocado, não sabia o que pensar. Conhecia o Hugo há anos – colegas desde o ciclo preparatório; tinham andado sempre no mesmo grupo de amigos, embora o pai dele fosse industrial e andasse sempre com mais dinheiro no bolso que qualquer um dos outros. Isso é que era estranho: o Hugo não precisava de roubar. Ele tinha o que quisesse.

«Parvalhão! O que é que lhe deu? Tá estúpido ó quê?» Miguel sentiu o sangue subir-lhe à cara. Ia ter com o Hugo à loja para lhe ‘passar uma descasca’, sem estar preocupado com quem estivesse a ver. Ia fazê-lo passar por uma vergonha!

Decidido, entrou na loja, e dirigiu-se para a zona de prateleiras, onde tornou a ver a t-shirt e a mochila do Hugo. «Apanhei-te! Mas tás armado em parvo, pá? O que pensas tu que estás a fazer, a roubar cenas?!?» disse bem alto, poisando a mão com força no ombro e puxando a alça da mochila. As pessoas viraram-se para ver, Miguel olhou em volta para dar conta da situação, e quando tornou a olhar em frente, não viu o Hugo – em vez disso, viu um tipo de barba mal aparada, com uma t-shirt da mesma cor do amigo. Surpreendido, foi apanhado desprevenido pelo encontrão do homem, que o empurrou para as prateleiras e passou por ele, para fugir. Quando Miguel se recompôs já o homem tinha passado na porta, o alarme a tocar, o segurança com o rádio na boca e uma ou duas senhoras aos gritinhos.

Sem hesitar, Miguel começou a correr e literalmente saltou para o corredor. O tipo já ia ali à frente, quase ao pé das escadas rolantes. Miguel viu o Hugo, que vinha em sentido contrário com um gelado na mão. «Apanha-me esse gajo! Agarra que é ladrão!» O homem deu um encontrão ao Hugo que, sem pensar, lhe mandou o gelado à cara e foi acertar no casal que se encostara à parede. «Desculpem, era pra ele...» resmungou o Hugo, começando ele também a correr. Miguel estava a tirar partido da planta circular do Centro, e tinha começado a correr pelo outro lado, para o intersectar mais à frente. «Segue por aí, Hugo, apanha-o!» gritou, e começou a subir a escadaria, três degraus de cada vez. Se ele chegasse à rua, nunca mais ninguém o via, tinham de o apanhar antes. Entretanto começou a haver alguma agitação, umas pessoas corriam mas sem saber bem quem queriam apanhar, outras corriam para se encostar à parede e sair da frente da confusão. Quando Miguel teve campo de visão livre, viu o homem à frente, o Hugo à esquerda e a porta da rua à direita. Tinha de ser agora. Com um *sprint* final, atirou-se ao homem e caíram ambos, a escorregar pelo chão até aos pés dos dois PSP, na porta de entrada.

«...Obrigado, sim, tou em forma porque estou a preparar-me para provas para a Protecção Civil, para uma brigada internacional, da ‘OIPC’» explicava Miguel, muito corado, ao PSP que tomava notas num caderninho.

Quando a Sandra e o Bruno chegaram, Hugo ainda estava rodeado por algumas *tennagers* de roupas coloridas, que o ouviam sorridentes. «...sim, é para uma série», dizia, enquanto punha os óculos escuros, com ar de galã, «na televisão, o ‘Inspector Max’, conhecem...? ...o cão? Oh, hum, deve estar por aí...», resmungou, virando as costas às miúdas e admirando um ‘mp3’ Azul-metalizado, ainda na embalagem, que retirara da mochila.

D) Relativizar a situação – afinal, aquela casa vendia só quinquilharia; (INTELLECTUAL)

A primeira reacção de Miguel foi relativizar a situação. Sim, estava chocado porque conhecia o Hugo há anos – colegas desde o ciclo preparatório, e tinham andado sempre no mesmo grupo de amigos. Mas o pai dele era industrial e o Hugo andava sempre com mais dinheiro no bolso que qualquer um dos outros. Isso é que era estranho: o Hugo não precisava de roubar. Ele tinha o que quisesse.

Olhando melhor, pareceu-lhe que era uma loja dos chineses. *«Quinquilharias!...»* pensou, *«o que é que lhe deu para roubar porcarias? As coisas mais caras são aquelas aparelhagens que ‘deus-me-livre’, e aqueles potes chineses de susto... Deve estar parvinho!...»*

Pensou que havia situações em que era justificável roubar: *«...um pão, para comer; um agasalho, para vestir...»*, mas pensando bem, isso era um pensamento do tempo da ‘outra senhora’. Hoje em dia, mesmo olhando em volta para os corredores daquele Centro, Miguel via e constatava que havia muita gente a gastar mais dinheiro do que a própria situação do País permitia. Todas as miúdas passeavam com telemóveis vistosos, que ostentavam como se fossem adereços de moda, os tipos eram todos ‘*fashion*’, sapatilhas à maneira e mochilas com portátil. Se os garotos eram assim, como seriam os pais?

Olhando para a loja, sentiu-se um bocado irritado com os chineses. Eles estavam a pedi-las. Era como ter produtos de contrafacção legalizados e em embalagens fechadas. E ele ia-se chatear com o Hugo, por causa disso?

«Pensando bem, onde é que ele se meteu?» disse Miguel para si mesmo, levantando-se novamente do lugar onde esperava os amigos. Foi então que se deu conta dum burburinho à entrada da loja. Um senhor europeu – e não asiático, como ele pensara, prendia o amigo por um braço, segurando a mochila entre as pernas e despejando o conteúdo no chão. Vitorioso, apanhou do chão um ‘mp3’ Azul-metalizado, ainda na embalagem, e ergueu a mão bem alto, para provar a quem visse que tinha ali o produto do roubo. Entretanto dois seguranças do Centro tinham-se aproximado, e preparavam-se para tomar conta da situação. Hugo, ali no meio, estava nitidamente envergonhado e com ar perdido.

Miguel ficou sem reacção, de boca aberta. Não havia nada a fazer, agora. Era ir lá ver o que se ia passar.

«Pois, Dona Teresa, já viu?» comentavam duas senhoras, a observar a cena, *«...e é um jovem tão bem vestido, tão bonito... ali é o Chinês?»* *«...ai eu sei lá se é o chinês, se o...»*, *«... já viu? As pessoas falam, falam, pensam que sabem tudo e depois... é isto! Não fazem nada!...»*

E) Pregar um ‘susto’ ao Hugo ligando-lhe para o telemóvel; (SOCIAL)

A primeira reacção de Miguel foi relativizar a situação. Sim, estava chocado porque conhecia o Hugo há anos – colegas desde o ciclo preparatório, e tinham andado sempre no mesmo grupo de amigos. Mas o pai dele era industrial e o Hugo andava sempre com mais dinheiro no bolso que qualquer um dos outros. E além disso era muito rigoroso – com ele, todos tinham de ‘andar na linha’. Isso é que era estranho: o Hugo não precisava de roubar. Enquanto andava de um lado para o outro no corredor, não parava de roer a unha. Ele tinha o que quisesse. A mãe era uma senhora ‘a sério’, daquelas dos jantares e das revistas. Coisas boas não lhe faltavam.

Miguel sentiu-se incomodado. Não gostava de dar nas vistas, nem de criar ‘escândalos’ em lugares públicos. O que pensariam dele, se soubessem que ele estava ali com um ladrão? E o que pensariam os pais do Hugo se o vissem assim, numa loja, a roubar em plena luz do dia?

Era isso: ia pregar um susto ao Hugo, para ver se ele aprendia! Ia ligar-lhe para o telemóvel e... era já!

Marcou o número na tecla rápida e esperou que o Hugo atendesse. *«Tou? Pá, tás feito! Os teus pais aqui, vão dar-te um flagrante!»*

«Miguel? Os meus pais? Aqui? Aqui...onde?»

«Tás parvo? Rápido, eles viram-te tirar isso! Sai já daí, esconde essa cena, torna lá a pôr...»

«...espera! Tirar isso...o quê? Qual cena? Os meus pais?!?»

«Sim, continuou Miguel, no seu ‘teatro’, «vai ser uma vergonha, pá, eles viram-te, apanharam-te a roubar...»

«Não estou a perceber», disse Hugo numa voz sumida, «espera aí, já vou aí ter...»

Miguel riu pra si mesmo. Tinha-lhe pregado um bom susto. Sabia que o Hugo era muito destas cenas do ‘social’, e nunca iria querer parecer mal aos olhos dos pais, sobretudo da mãe, que tinha uma reputação a manter, e era intolerante com qualquer forma de má-educação.

«Então, pá? O que é que se passa?» Miguel deu um salto, quando ouviu a voz do amigo nas suas costas. Continuava à espera de o ver sair da loja em frente. «Onde é que eles estão? Está tudo bem com o meu pai?» Miguel franziu o sobrolho. «...com o teu pai? Man, Hugo: eu vi-te ali, na loja em frente, vi-te a roubar uma cena daquela prateleira! Como eu te vi, o teu pai também te podia ter apanhado! Não pensas nestas cenas, pá?»

«...loja em frente...? ...Miguel, eu estava ali atrás, no balcão dos gelados, encontrei lá a Ritinha... olha, ela ainda lá está...» e realmente, quando Miguel olhou, lá estava a amiga deles, a Rita, com um sorriso e a dizer-lhe adeus, com um gelado na mão. «...E a roubar? Numa loja daquelas? Francamente, Miguel, quem pensas tu que eu sou...?», virando-lhe as costas, e enfiando um ‘mp3’ Azul-metalizado, ainda na embalagem, no bolso de trás das calças.

F) esperar pela chegada dos amigos; (ESPIRITUAL)

Decidiu ir até à porta da rua, e esperar lá pela chegada dos amigos. Estava chocado, não sabia o que pensar. Conhecia o Hugo há anos e tinham sido sempre do mesmo grupo de amigos. É certo que ele andava sempre com mais dinheiro no bolso que qualquer um dos outros. O que tornava mais estranho: o Hugo não precisava de roubar. Ele tinha o que quisesse. E até era muito desprendido relativamente às coisas que possuía. Não sabia o que pensar.

Sandra e Bruno saíram do autocarro que parava ali ao lado, o sorriso que levavam esbateu-se ao olharem para a cara do Miguel. *«Então, pá? Demorámos muito? O Hugo?»*

Miguel explicou a situação em três ou quatro frases. Os outros dois ouviram, sem o interromper. *«Onde é que ele está, agora? Ainda está na loja?»* perguntou o Bruno, com voz baixa. *«Mas o que é que deu ao Huguinho? Deu em parvo, agora? Ai, meu deus... Vamos!»*, exclamou a Sandra.

Entraram na loja discretamente. Ao pé dos provadores, lá estava o Hugo, com o seu eterno ar de descontração. Sorriu ao ver os amigos, mas mudou quando viu a expressão dos seus rostos. *«Hugo, o que é que se passa? O que é que fizeste?»* perguntou serenamente o Bruno, olhando-o de frente. Hugo desviou os olhos, *«O que é que eu fiz? Nada, tou aqui, a passar tempo...»* respondeu, de forma evasiva. *«Hugo, eu estava lá fora, vi que puseste uma cena na tua mochila. Tu roubaste o quê, pá?»* A cara do Hugo tornou-se muito branca, e ele perdeu a expressão. Tentou passar entre os amigos, mas a Sandra deu-lhe o braço e o Bruno empurrou-o, devagar mas firme, para dentro de um dos provadores. Miguel correu a cortina. *«O que é que tu tens, pá? Conta-me, o que é que se passa?»* A voz do Bruno era serena, sem ponta de censura. O Hugo sentou-se no banco e colocou a cara entre as mãos. A Sandra pôs-se de joelhos, ao lado dele, e começou a passar-lhe os dedos pelo cabelo: *«O que foi, Hugo? Já passámos por tanto...o que foi agora?»*

Fora uma tentação. Era estúpido, tinha consciência disso. Não premeditara nada. Vira aquele 'mp3' Azul-metalizado, que há tanto tempo andava a 'namorar', e ao pegar nele ainda na embalagem, deu conta que não tinha o alarme contra roubo. Ele até tinha dinheiro, até o podia comprar. Mas de repente, já estava na sua mochila, E agora não conseguia sair da loja, nem tirá-lo da mochila e voltar a pôr na prateleira, com medo de ser 'apanhado'. Não era a primeira vez, e quando ele se preparara para o Crisma, lá no Centro Universitário, tinha-se comprometido a não repetir. E agora...

«...Mas nós gostamos de ti na mesma, Hugo!» *«Esta circunstância não destrói a pessoa que tu és!»* *«És corajoso»* *«... e um amigo presente!»* *«...generoso»* *«...e estás sempre pronto a partilhar...»* *«e a desculpar-nos as parvoeiras...»* Este 'banho de positivo' estava a ser feito com todos sentados no pequeno provador, apertados à volta do Hugo.

«Tá tudo bem aí dentro?» perguntou a funcionária, agitando a cortina. *«Sim sim, vou já sair»*, respondeu o Hugo, suspirando fundo. E mais baixo, só para eles: *«Vou lá fora, entregar isto e dizer o que fiz. Obrigado... valeu!»*

“A história de um amor não é importante – o que importa é sermos capazes de amar. Será talvez o único modo de conseguirmos perceber o que é a eternidade.”

Capítulo VII



“On this day of your life, Miguel, we believe God wants you to know ... that fear results from doubt.”

*When you are not sure, when you hope for the best, then you will fear the worst. When you are absolutely certain, even if it is a certainty of suffering, fear disappears, and strength flows in its place.
(Facebook – God wants you to know)*

“Neste dia, Miguel, Deus quer que saibas que...o medo resulta da dúvida”.

Quando não tens a certeza, quando desejas o melhor, então sentes o maior dos medos. Quando tens toda a certeza, mesmo envolvendo algum sofrimento, o medo desaparece, e a força surge em seu lugar.”

Miguel estava stressado, esperançoso, ansioso, emotivo, nervoso... e um pouco desiludido. O Coordenador do *Erasmus* comunicara com ele. Não estava ainda certa a aceitação da sua candidatura, devido ao elevado número de estudantes que entretanto se tinham candidatado. Em pé de igualdade, seria uma lotaria, calhar-lhe a ele ou a outro o direito à inscrição e à bolsa de estudo. Havia uma hipótese: melhorar o seu curriculum universitário, concorrendo com um ‘estágio propedêutico’ de cerca de um mês, num país europeu, que lhe poderia dar, em termos de experiência, um maior destaque na lista de candidatos. Bastava aceitar uma das três opções que o professor coordenador lhe propusera, e nas quais já o pré-inscrevera. Tudo para começar o estágio daí a uma semana. Isso não seria nunca uma garantia, é certo – apenas um meio para melhorar as suas condições de acesso. Mas tinha de aproveitar e agarrar esta oportunidade e tentar qualquer coisa – tudo menos ficar parado, ‘à espera que aconteça’.

Na televisão ligada, estava a dar um qualquer programa da tarde. *«Miguel, vem cá ouvir isto!»,* chamou a mãe.

«...“forte sismo”, sentido em toda a região Norte do país, pelas 9h00 locais (8h00 em Portugal continental). O jornal italiano Corriere della Sera afirma, na edição online, que foram evacuadas lojas em Bolonha e escritórios em Milão. A circulação ferroviária em Bolonha esteve suspensa...». Miguel olhou para as imagens de um videoamador que passavam no écran, e depois para a mãe. *«O que é isto, Mom?»*, perguntou. *«...balanço provisório aponta para pelo menos 16 mortos e o número de feridos e desaparecidos não é exato - estima-se que pelo menos cerca de 200 pessoas tenham...”».* *«Acho que é mesmo mau, Mitch, é em Itália, olha as casas desfeitas.»* O locutor continuava: *«...no passado dia 20 de Maio, na mesma região, um outro sismo de magnitude 6 provocou sete mortos, 50 feridos e avultados danos materiais – centenas de edifícios ficaram destruídos ou danificados. Este terramoto...»*

A mãe apertava nas mãos a toalha que estava a dobrar. *«Vocês vão pra lá, filho? Não vais falar com o Bruno?»*. Miguel e Bruno tinham tirado um curso certificado pela OIPC – a Organização Internacional de Protecção Civil, para poderem participar em equipas e estruturas capazes de garantir protecção e assistência às populações. Sobretudo, face a catástrofes naturais deste tipo. Havia vidas em risco e, com certeza, muito trabalho para fazer. E tinha sido uma coisa que ele sempre desejara fazer, ajudar neste tipo de situações e, felizmente nunca chegara a ter essa oportunidade. Até hoje.

Quando tocaram à porta, Miguel já imaginava quem era. «*Entra, Bruno, viste aquilo do terramoto, é isso?*». «*Sim! Miguel, o comandante Firmino ligou-me, a dizer que está a contar connosco, que a nossa participação é indispensável e já tem os nossos nomes no topo da lista. Pode ser esta a nossa oportunidade, pra ir ajudar.*» O nervosismo do Bruno notava-se nos olhos muito abertos e nas mãos, que não paravam de mexer no cabelo. «*Man, finalmente! Vamos, não vamos? Mitch, tens dúvidas?*»

Miguel sentia uma tremenda dor de barriga. Nem conseguia pensar bem no que fazer:

- A) Ir com o Bruno, falar com o comandante Firmino para ir para Itália;
- B) Ir falar com o professor, coordenador do Erasmus, para ir para o estágio;
- C) Ir com o Bruno, falar com o comandante Firmino para ir para Itália;
- D) Ir falar com o professor, coordenador do Erasmus, para ir para o estágio;
- E) Ir com o Bruno, falar com o comandante Firmino para ir para Itália;
- F) Ir falar com o professor, coordenador do Erasmus, para ir para o estágio;

A) Ir com o Bruno, falar com o comandante Firmino para ir para Itália; (FISICO)

Miguel olhou para o amigo. Era realmente um projecto que não era só seu, e tinha sido trabalhado literalmente com o suor do rosto, no esforço tremendo de se manter em forma e apto para qualquer situação, em que precisasse de toda a destreza do seu corpo para assegurar a sobrevivência dos outros... e a sua. E Bruno seguira sempre – passo-a passo – com ele.

Foram nessa mesma noite falar com o comandante Firmino. A Força Aérea iria colaborar com um avião para todo o contingente, onde teriam também de carregar todo o material de apoio e de suporte ao socorro que iria prestar. *«Amanhã à 5.00 horas começaremos a carregar o material de farmácia. As equipas que vierem a seguir tratarão das roupas, da comida, da...»*

Miguel sentia todo o corpo a vibrar. Era para isto que se tinha estado a preparar este tempo todo, e agora via que estava ansioso para entrar em acção.

O dia seguinte foi de trabalho brutal, para fazer o carregamento dos abastecimentos – não se podiam dar ao luxo de atrasar o suprimento de materiais que podiam estar a ser necessários naquele preciso momento. De quando em vez, aparecia alguém com mais uma notícia, de um prédio que caiu e arrastou inúmeras vítimas, ou de uma velhinha que foi encontrada viva entre as pedras da sua casa. Tudo isto mexia com ele, a ponto de sentir o corpo tão tenso que não conseguia descansar.

Quando chegaram a Itália, foram despachados para uma zona já estabilizada, onde o exército tinha montado já um hospital de campo e três mega-tendas, onde estavam a colocar os abastecimentos para distribuir. Ele e Bruno não paravam: como tinham facilidade em falar línguas para além do português, eram constantemente chamados para ir resolver alguma questão, transmitir informações e carregar material necessário para dar às equipas de intervenção, com as devidas instruções.

Ao fim do sexto dia, com a situação mais controlada e já com o reforço das restantes equipas de intervenção, Miguel conseguiu dormir umas horas seguidas – poucas, tendo em conta as anteriores noites inteiras acordados, no brutal trabalho dos abastecimentos. Praticamente iam regressar sem ter tido qualquer contacto com os habitantes locais – outras equipas tinham sido orientadas para isso. Tinha pena, mas... servir era mesmo isso, não apenas fazer o que se quer ou o que se gosta.

Bruno foi acordá-lo com cuidado. *«Vamos ter de ir embora, Miguel. O nosso avião parte daqui a duas horas, vamos ter de fazer ainda o último relatório e a ‘passagem de testemunho’ e de material de campo»*. Miguel levantou-se ainda atordoado. Tinha sono, doíam-lhe músculos do corpo que ele nem conhecia, mas sentia em si uma energia que era diferente de tudo o que já sentira. Num repente, abraçou o Bruno, num gesto que ele próprio não esperava. Bruno começou a rir, e perguntou: *«Tás feliz, miúdo?»* *«Sim, estou! Obrigado por estares aqui comigo, Bruno! Foi um prazer»*.

«Prazer?» repetiu Bruno. *«A felicidade é diferente do prazer. A felicidade tem a ver com luta, resistência e vitória. Eu cá estou... feliz»*.

**B) Ir falar com o professor, coordenador do Erasmus, para ir para o estágio;
(INTELLECTUAL)**

Miguel tinha dúvidas, sim. Ele tinha lutado por ir para a Universidade, e sentia o esforço e o peso financeiro que estava a impor à mãe. Ela tinha tido de suportar, sem nunca se queixar, o facto de ele querer ser algo mais que um ‘tarefeiro’ de uma qualquer profissão. O mínimo que podia fazer era retribuir esse seu empenho, e ser o melhor que poderia ser nesta sua via académica.

Optou por dizer ‘não’ ao Bruno, sentindo-se dividido por não acompanhar o amigo neste projecto conjunto. Mas era mesmo assim: quem já tinha esperado tanto tempo para ir fazer solidariedade lá fora, podia bem esperar por mais uma outra oportunidade para o fazer.

O país que lhe aceitou o estágio foi a Croácia, e Miguel ficou entusiasmadíssimo pelo que conhecia das fotos de Dubrovnik e do seu mar azul, da Ilha Mljet – o parque nacional, de Split com o seu ‘Palácio de Diocleciano’, enfim, um destino de trabalho e de umas portentosas férias, se soubesse fazer bem as coisas.

Saiu num voo poucos dias depois do Bruno, de quem se tinha ido despedir antes do embarque no avião da Força Aérea. Continuava dividido e um pouco triste, mas tinha a noção de que, quando se escolhe um caminho, tem necessariamente que se dizer ‘não’ a tantos outros, igualmente bons e apetecíveis.

O ambiente entre colegas era interessante, mas ele era o único português naquele estágio, e os restantes alunos eram quase todos provenientes de países de Leste ou do Norte da Europa. Embora falasse bem inglês, não percebia nada das restantes línguas que falavam entre eles.

Começou a ter algumas dificuldades quando alguns professores começaram a usar com alguma frequência os dialectos eslavos, de origem comum à maior parte, e se esqueciam de fazer a respectiva transposição para inglês. A espanhola que estava com ele no estágio desistiu ao fim de uma semana, porque, se já não percebia bem o inglês, muito menos o resto, e foi viajar pelos locais que também ele desejava conhecer.

Aguentou como pôde. Mas na entrega e defesa do relatório, confirmou que os orientadores iam olhando desanimados para as notas que iam escrevendo, nas margens do trabalho, e sentia que se enterrava cada vez mais quando tentava dar esclarecimentos e justificações académicas numa língua estranha. Sentia que não tinha culpa, o facto de o seu inglês não ser fluente não o impedia de se expressar e de entender o que era dito nessa língua; a questão era mesmo que, em 80% do tempo, todos se esqueciam que ele não falava esloveno, nem checo, nem alemão, nem norueguês, nem outras línguas que ele nem conseguia distinguir.

Não teve aprovação no estágio e o que lhe tinha acontecido mesmo fora ‘*nije prošla ispitu*’.

Voltou desanimado, com vontade de desistir de tudo.

A mãe acolheu-o, como se não o visse há anos. E todos os dias lhe ia repetindo: «*Meu querido: ‘possas tu viver enquanto quiseres. Possas tu querer enquanto viveres’.* Não desistas, Miguel», concluía, sorrindo.

C) Ir com o Bruno, falar com o comandante Firmino para ir para Itália; (AFECTIVO)

Miguel olhou para o amigo. Este era realmente um projecto que não era só seu, envolvia tanta gente: o treinador, a Mãe, o Comandante, o Júlio e o Sr. Aristides, que lhes davam a formação prática. O restante grupo de sete ‘loucos’, como ele. E o Bruno. Era o seu ‘irmão-mais-velho-escolhido-por-si’. Com ele iria até ao fim do mundo, sempre tinha sido assim desde miúdos. E esta seria mais uma dessas ocasiões.

Olhou para a mãe, e implorou ajuda com o olhar. A mãe fez um sorriso nervoso, e disse rapidamente: «*Vou à cozinha fazer um chá. Conversem à-vontade, acho que têm umas coisas a resolver*», e virou as costas, continuando a agarrar a toalha que tinha nas mãos com toda a força que tinha.

Bruno sentou-se, as mãos nos joelhos. «*Sabes que não tenho coragem para ir sozinho. Ok, tenho-te acompanhado nos treinos, mas é mais porque és tu que me puxas e me ajudas a ser mais disciplinado*».

«*Mas eu vou, porque tu também estás nisto. Não estás? É algo que eu quero muito, quero provar a mim próprio que sou mais que um ‘betinho’ qualquer, mais que um gajo que vive a vida nos jogos de computador, mais que um tipo que diz que faz...e não sai da ‘cepa torta’*».

Suspirou fundo. «*Penso em fazer muita coisa, mas desisto quase sempre antes de começar. Sempre fui assim. Por isso a minha auto-estima vale ZERO. Tu tens-me ajudado, Miguel, só o simples facto de treinares comigo convence-me que tenho alguma qualidade, porque consigo acompanhar-te. De facto, acompanho-te. Mas tenho medo. Sobretudo... porque nunca comecei nada que conseguisse levar até ao fim*».

A voz tremia-lhe um pouco, mas era natural – Miguel nunca o tinha ouvido falar tanto de uma só vez.

Durante o tempo que ouviu o Bruno, Miguel ponderou interiormente o peso das suas opções. Realmente, era importante o seu estágio, para a sua vida futura. Mas não era garantia que isso o ajudasse a ser aceite em *Erasmus*. Por outro lado, o seu amigo estava ali, agora. A precisar dele. Sempre o tinha visto como ‘irmão mais velho’ e agora, de um momento para o outro, apercebeu-se que a fragilidade toca a todos, independentemente da idade ou dos caminhos, dependente apenas de uma condição: a de ser ‘humano’ – e, por isso, ter de ter afectos.

Quase sem se aperceber, já tinha decidido. Pondo-se de cócoras, em frente a Bruno, disse tranquilo: «*Pois vamos lá, então! Bruno, estamos prontos, certo? Vamos falar com o Firmino. Vai ser a nossa oportunidade! Até ao fim do mundo, pá! Sem dúvidas!*»

D) Ir falar com o professor, coordenador do Erasmus, para ir para o estágio; (SOCIAL)

Miguel tinha dúvidas, com toda a certeza.

Ele queria ir para a Universidade, porque sempre sentira o enorme esforço do peso financeiro que estava a impor à mãe. Ele gostaria de poder dizer, rapidamente, que tem capacidade para se auto-sustentar, de pagar a sua própria carta de condução, de não estar sempre a fazer contas para comprar este ou aquele livro, ir ao cinema ou sair para jantar com os amigos sempre que disso tiver vontade.

O pai era ausente. Ele, por sua vez, queria estar ‘presente’, fazer sentir, com o seu esforço, que tinha capacidade para mudar a sua vida, e um pouco a dos outros que estão à sua volta. Gostaria de ter um filho, que vivesse uma vida em que ele não fosse pai só aos fins-de-semana, que o ‘tempo de qualidade’ não fosse uma forma literária de embelezar o termo ‘falta de tempo’ – que nada nem ninguém podem compensar.

Ser solidário? Sim, ele desejava isso, também, estava-lhe no sangue. E o seu bem-estar físico e boa preparação muscular eram disso prova, resultado de uma preparação disciplinada, para um dia poder ajudar alguém, da melhor forma possível.

Mas como sempre tinha ouvido dizer nos escuteiros, ‘o Dever do escuta começa em casa’.

O seu dever começava com os seus, com a sua mãe, com o seu irmãozito. E ao encarar isto desta forma, a sua dúvida desapareceu, e Miguel abraçou... o que se espera dele.

A frase do seu perfil de *Facebook*, que ele usava como máxima, dizia: *“Toda a motivação é auto-motivação. A tua família, o teu chefe ou os teus colegas podem tentar pôr o motor a trabalhar, mas até tu decidires o que queres, nada acontecerá”*

Nessa mesma noite falou com o professor, e definiu que o País para onde iria seria França, dado que estava bastante mais à vontade com a língua do que noutros países, como a Croácia ou a Eslovénia.

Dois meses depois, Miguel foi interrompido ao jantar pelo telefonema do seu professor:

«...e começa desde já a arranjar as malas, para ires por seis meses para Erasmus! Parabéns!».

E) Ir com o Bruno, falar com o comandante Firmino para ir para Itália; (ESPIRITUAL)

Foram nessa mesma noite falar com o comandante Firmino. A Força Aérea iria colaborar com um avião para todo o contingente português, avião esse que teriam de carregar com todo o material de apoio e de suporte ao socorro que iriam prestar. Às 5 horas da manhã, iriam começar o trabalho. O comandante Firmino, que parecia bem mais velho devido ao seu cabelo todo branco, estava tão entusiasmado e envolvido nos preparativos como o Bruno e o Miguel.

E quando Bruno o deixou em casa, já tarde na noite, Miguel foi em silêncio para o quarto, para não acordar o irmãozito. A mãe bateu-lhe à porta, passados uns minutos, e sentou-se aos pés da cama, enrolada no seu roupão de *turco* azul.

«...e achas mesmo que é isso que queres fazer? Ser ‘bombeiro’ e ajudar a apagar fogos por esse mundo fora?... estar sempre a correr a responder a emergências? Repara, não te quero impedir de fazeres o que quer que seja, quero apenas que vejas e penses quais são as tuas prioridades. No que decidires, sabes que eu apoio» disse, dando-lhe um beijo na testa e ajeitando a roupa da cama. *«Dorme sobre o assunto...»*

A mãe colocara-lhe uma questão profunda: estava a mover-se por ‘prioridades’, ou por ‘emergências’? Ou seja, estava a seguir um plano de vida, ou a ‘apagar um fogo’ – como ela tinha sugerido? Seria isto importante? Seria isto prioritário?

Miguel sentia todo o corpo a vibrar. Era para isto que se tinha estado a preparar este tempo todo, e sentia agora que estava ansioso para entrar em acção. Sentia que este gesto, no imediato, não estava a encobrir o essencial daquilo que queria. Sentia em si este ‘espírito de missão’, esta vontade louca de ‘ser louco’ pelo bem-estar dos outros. E sabia que tinha um contributo específico para isso.

«Todos somos seres únicos e insubstituíveis», dizia sempre a Irmã Inês, a sua catequista da Profissão de Fé. *«Pois, por isso mesmo terei de ser eu a ir, para cumprir a minha missão, na minha forma ‘única e insubstituível’»* pensou, uns segundos antes de adormecer profundamente.

F) Ir falar com o professor, coordenador do Erasmus, para ir para o estágio; (CARACTER)

Miguel olhou para o Bruno. Percebia o seu nervosismo e entusiasmo, ele próprio partilhava essa emoção, nesse momento. Era na realidade um projecto que não era só seu, mas que tinha sido trabalhado com o suor do seu rosto, no esforço de se manter apto para qualquer situação, para assegurar a sobrevivência dos outros... e a sua.

Mas tinha de saber pensar a longo prazo, a vida não era só feita de emergências, mas também de prioridades. E a prioridade neste momento, sem dúvida, era a opção pela sua escolha de vida profissional. E futuramente, tendo em conta o caminho que estava a fazer com Diana, com quem namorava desde a Queima das Fitas, passaria também por ter de definir mais tempo para a conhecer e estar com ela.

«Digam o que disserem, se não for eu a cuidar de mim, ninguém o fará por mim» comentou, não tanto para se justificar perante o Bruno, mas para se tranquilizar a si próprio pela sua opção.

Quando ligou para o professor, este aconselhou-o a escolher um país não apenas pelo conteúdo programático do estágio, mas também pela facilidade da língua, na qual teria de se expressar durante um mês, e com a qual se iria defender, na sua prova final de estágio.

Passado um mês e meio, a mãe, o irmão e os três amigos foram-no visitar a Lyon, e Miguel celebrou com todos não apenas o sucesso do seu trabalho de estágio, como também a notícia com que o seu professor o deixara expectante: conforme previsto, as probabilidades de ser aceite em *Erasmus* tinham aumentado exponencialmente, e era agora um candidato certo à bolsa tão desejada. Quando voltassem a Portugal, já teria a confirmação.

Ao fazer as malas, Miguel revia as últimas semanas, e todo o seu esforço para fazer as escolhas certas no momento certo. Sentia-se satisfeito consigo próprio e tranquilo, porque a vida lhe estava a mostrar que nem sempre vale a pena remar contra a corrente, que por vezes basta saber adaptar-se, para ser conduzido para um lago bem maior, bem mais seguro.

O telefone tocou. A voz de Diana soou bem-disposta: *«Olá mon chéri!»* Miguel visualizava-lhe o sorriso. *«Adivinha o que eu soube hoje: fui aceite para o meu Erasmus!! Seis meses na Alemanha, já viram? Tou tão feliz, tou tão contente...»* e ria-se perdidamente.

Miguel só sorriu. A roleta iria recomeçar, e a vida, com os seus encantos e surpresas, iria voltar a avançar. Quando esperava a acalmia, eis que surge novamente o turbilhão.

«...mas, pensando bem, é melhor assim. A vida em águas paradas pode ser perigosa. Acredito que tudo tem um fim, e se eu souber para onde me quero dirigir, então todos os ventos me serão favoráveis... com mais ou menos esforço, maior ou menor velocidade... mas de certeza que chegarei. Lá!».

EPÍLOGO

A porta da rua bateu, e Miguel, de mochila às costas e acabado de chegar, gritou: «MÃÁEEE! MÃÁE!». Ninguém respondeu, estava sozinho em casa. Olhou para o sofá da sala e atirou a mochila para o chão, para se poder sentar à vontade, estar um pouco ‘na sorna’ antes de ir tomar um chuveiro e mudar de roupa. Ligou o plasma – o vídeo estava ligado, o André devia ter estado a ver um filme – e espojou-se no sofá, a bocejar.

O filme “*Braveheart*” estava a meio, naquela cena em que William Wallace faz o seu discurso sobre ‘a liberdade’ perante todo aquele exército em ‘*tartan*’, perante toda aquela gente que ainda pensava que estavam divididos por famílias e Clãs, e que não se apercebiam que, só pelo facto de estarem todos ali, a viver em conjunto o mesmo ‘bom combate’, faziam já parte do mesmo Povo.

«*O que farias sem liberdade? Lutarias?...*» Miguel ficava sempre galvanizado nesta cena, de todas as vezes que via o filme. Entendia a pergunta como dirigida a ele, e ficava angustiado por não saber como poderia responder.

Levantou-se novamente. Estava cansado, sim. Mas não era ainda altura de parar e encostar ao lado. Era a altura de ‘ir ter com a vida’, ir ter com os amigos, com a namorada, com as suas escolhas. Puxou da mochila e num impulso arrancou novamente. Para onde? Bem, saberia para onde, quando chegasse lá...

Antes mesmo de sair pela porta, lembrou-se que tinha deixado a televisão acesa, e voltou atrás para a desligar. Isto não queria dizer que se fosse desligar deste filme... apenas que o ia viver, cá fora. Agora.

Veio-lhe à mente a música do Variações, a perguntar:

«Vais viver?

Até quando, não sabes! O que importa o que serás? Queres viver?

Esperas um amanhã! Mas acreditas que será mais um prazer?

A vida é sempre uma curiosidade, que desperta com a idade - Interessa-te o que está para vir?

E a vida em ti?

É sempre uma certeza? Nasce da tua riqueza? Do teu prazer em descobrir? Encontrar?

Renovar?

Vais fugir... ou repetir?”

«*Não sei, António! ...Quero é Viver!*» E saiu a rir.

"Finalizar é estranho, mas importante. Não é pôr um ponto final, antes quer dizer 'levar as coisas à sua finalidade'. O que supõe ser perseverante e não as deixar a meio, orientá-las para o seu verdadeiro objectivo. Porque sem objectivos e sem metas, não há acção coerente.

Este livro baseia-se em factos reais. Vividos e pensado em parceria, com a constatação de que as vidas se cruzam de forma divertida, sempre. E é divertida porque, se virmos bem, constatamos que tentamos ser originais, mas acabamos todos por viver a mesma coisa, por palavras diferentes.

E sim, o Miguel existe.

Paulo Peres – Chacal da Montanha

Paulo Valdez – Cão Guia

Miguel

